

DOSSIÊ
INTOLERÂNCIAS
VISÍVEIS E INVISÍVEIS NO MUNDO DIGITAL



SUMÁRIO

4	Intolerância nas redes – Um problema crescente
12	Intolerância no Brasil – Um problema de todos
14	Quando a intolerância chega às redes
16	Quando as redes incentivam a intolerância
18	Xingando muito no Twitter – Por que as pessoas são mais intolerantes no mundo digital?
20	Intolerâncias visíveis e invisíveis – Não sou intolerante, mas...
23	Os tipos de intolerância
24	Aparência
34	Classe social
42	Deficiência
50	Homofobia
58	Misoginia
66	Política
74	Idade/geração
82	Racismo
91	Religiosa
98	Xenofobia
106	Intolerância na sua <i>timeline</i> : vai deixar barato?
108	Conviver, aceitar
109	Apêndice – Metodologia da pesquisa
110	Campanhas sobre intolerância da nova/sb
115	Créditos

INTOLERÂNCIA NAS REDES

UM PROBLEMA CRESCENTE



FORAM ANALISADAS
NADA MENOS DO QUE
393.284 MENÇÕES,
E O RESULTADO É
ACACHAPANTE.

Durante três meses – de abril a junho de 2016 – o **ComunicaQueMuda (CQM)**, uma iniciativa da **agência nova/sb**, monitorou dez tipos de intolerância nas redes sociais, em relação à aparência das pessoas, às suas classes sociais, às inúmeras deficiências, à homofobia, misoginia, política, idade/geração, racismo, religião e xenofobia.

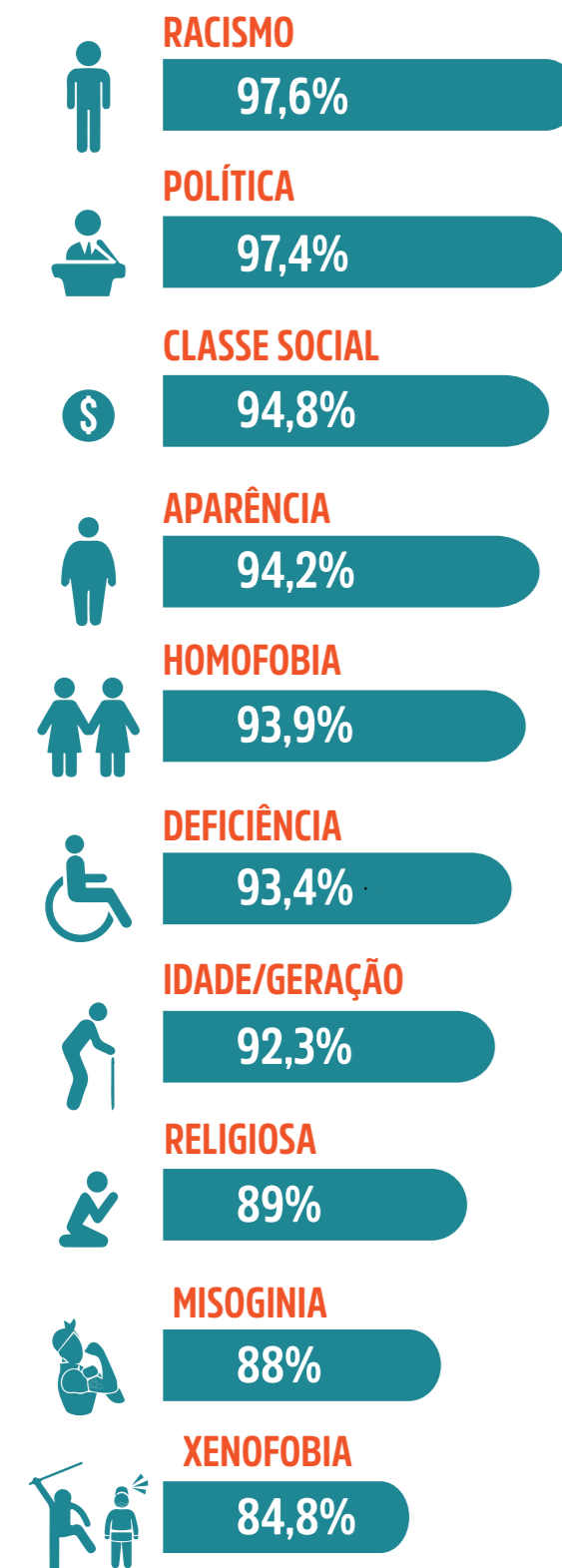
Toda vez que alguma palavra ou expressão referente a um desses assuntos aparecia em um *post* do **Facebook**, do **Twitter**, do **Instagram**, de algum *blog* ou comentário em *sites* da internet, este *post* era recolhido e analisado pela equipe do CQM, com ajuda de um *software* de monitoramento, o Torabit.

Foram analisadas nada menos do que 393.284 menções, e o resultado é acachapante. Nos dez temas pesquisados, o percentual de abordagens negativas está acima de 84%. A negatividade nos temas que tratam de racismo e política é de 97,6% e 97,4%, respectivamente, quase empatados. Ou seja, os comentários positivos, ou neutros, sobre esses dez temas nas redes são diariamente encobertos por uma torrente de comentários negativos.

Uma banana atirada em um campo de futebol na Espanha, um rapaz sendo agredido com uma lâmpada fluorescente em plena Avenida Paulista, em São Paulo, jovens expulsos de uma loja da Apple em Melbourne, na Austrália, uma menina sendo apedrejada no Rio de Janeiro, um candidato a presidente dos Estados Unidos propondo separar seu país do vizinho com um muro, outro, já construído, separando manifestantes pró e contra à então presidente da República, em Brasília.

Dentro e fora do Brasil, todos os dias nos deparamos com histórias que exibem a escalada da intolerância entre nós. Os casos acima tomaram grandes proporções, ora por seus protagonistas ilustres – tanto do lado agressor quanto do agredido –, ora por causar a amarga sensação, conhecida por todos nós, de estarmos próximos ao limite da convivência pacífica. Ainda assim, para cada caso repercutido pela grande mídia, há inúmeros outros que, nas redes sociais, ofendem e agridem sem espectador nem testemunha.

PERCENTUAL DE MENÇÕES NEGATIVAS



Eles expressam enormes intransigências, ataques e zombarias em relação a esses assuntos ou a pessoas – sejam públicas ou não. É importante notar também que a intolerância de maior audiência é a política (quase 220 mil menções), mais de quatro vezes superior à misoginia, que aparece em segundo lugar, com quase 50 mil menções. O tema da política reflete, necessariamente, o contexto de crise política e econômica pelo qual passa o País.

Outro dado relevante é a comparação da quantidade de menções sobre intolerâncias entre os Estados do País. Em números absolutos, a unidade da Federação que mais apresenta menções, cuja esmagadora maioria é de menções intolerantes, é o Rio de Janeiro, com mais de 58 mil menções – 0,352%, segundo lugar na proporcionalidade em relação à sua população, que é de 16,5 milhões –, conforme estimativa do IBGE em 2015. Proporcionalmente, o Distrito Federal é o mais intolerante, com mais de 11 mil menções (0,411%). São Paulo, que é o segundo em números absolutos, 50 mil menções, está em sétimo lugar em proporcionalidade (0,114%). Mais detalhes na tabela da página seguinte, cujo ranking se dá em número absoluto de menções.

MENÇÕES EM 3 MESES



Estados	Menções	População*	% de menções
Rio de Janeiro	58.284	16.550.024	0,352%
São Paulo	50.758	44.396.484	0,114%
Minas Gerais	20.904	20.869.101	0,100%
Rio Grande do Sul	14.479	11.247.972	0,129%
Distrito Federal	11.986	2.914.830	0,411%
Pará	10.982	8.175.113	0,134%
Pernambuco	9.925	9.345.173	0,106%
Santa Catarina	9.699	6.819.190	0,142%
Ceará	9.381	8.904.459	0,105%
Bahia	8.645	15.203.934	0,057%
Paraná	6.758	11.163.018	0,061%
Espírito Santo	5.516	3.929.911	0,140%
Goiás	4.306	6.610.681	0,065%
Rio Grande do Norte	3.430	3.442.175	0,100%
Amazonas	2.753	3.938.336	0,070%
Paraíba	2.279	3.972.202	0,057%
Maranhão	2.156	6.904.241	0,031%
Sergipe	2.062	2.242.937	0,092%
Mato Grosso	1.815	3.265.486	0,056%
Mato Grosso do Sul	1.432	2.651.235	0,054%
Piauí	1.395	3.204.028	0,044%
Alagoas	939	3.340.932	0,028%
Tocantins	817	1.515.126	0,054%
Amapá	734	766.679	0,096%
Rondônia	690	1.768.204	0,039%
Roraima	472	505.665	0,093%
Acre	399	803.513	0,050%

*Estimativa do IBGE para 2015.



Por acreditar na comunicação pública como agente transformador na vida das pessoas é que o **ComunicaQueMuda** mergulhou por três meses nas principais redes sociais do País para produzir um retrato das intolerâncias que sofremos e cometemos em nosso cotidiano. Investigamos as causas, formas e consequências desse fenômeno crescente que transita livremente nas *timelines*, casas, salas de aula e escritórios de todos. Por fim, discutimos formas de lidar com o problema e propomos saídas que, invariavelmente, passam pela comunicação e o diálogo como forma de minimizar as tensões e aumentar a empatia entre os diferentes.

Boa leitura!



O **ComunicaQueMuda**, uma operação digital da **agência nova/sb**, pretende mostrar o poder da comunicação de interesse público como agente transformador na sociedade.

Ao combinar uma estratégia de constante monitoramento dos assuntos mais debatidos nas redes, aliada à ágil criação de conteúdos específicos, o CQM busca, por meio da alta relevância e incessante interação com seu público, realizar um objetivo maior: promover e qualificar o debate sobre questões fundamentais, mas que ainda carecem de espaço e debate na sociedade brasileira.

Para saber mais:

-  ComunicaQueMuda
-  ComunicaQueMuda
-  ComunicaQueMuda
-  ComunicaQueMuda
-  ComunicaQueMuda
-  ComunicaQueMuda

comunicaquemuda.com.br

novasb.com.br





INTOLERÂNCIA NO BRASIL

UM PROBLEMA DE TODOS

O Brasil sempre é citado como uma nação tolerante às diferenças, em relação às variações de raça, gênero, orientação sexual, idade, classe social, aparência, nacionalidade, religião, ideologia política e deficiência física e intelectual. O Brasil, portanto, seria essa sociedade em que os cidadãos têm direitos iguais, baixo preconceito e pouca discriminação, onde as pessoas conviveriam bem entre si, independentemente de suas características físicas e de seus posicionamentos ideológicos. Que sonho, não? É, mas sabemos que na prática não é bem assim.

No entanto, como podemos medir o quão intolerante o brasileiro realmente é? Uma das formas é a de comparar dados daqui com os do restante do mundo. Pesquisa realizada pelo antropólogo Luiz Mott encontrou um número assustador: 44% dos casos de assassinatos de homossexuais do mundo ocorreram em território brasileiro. **O País lidera as estatísticas de mortes da comunidade LGBT.**

Já falando sobre racismo, frases como “tão bonita que nem parece negra”, “não fala assim comigo, que não sou suas negas” ou “cabelo ruim” (sobre os cabelos crespos) são comuns nas redes sociais brasileiras, mostrando como a ideia da democracia racial não passa de um mito. Além disso, estatísticas ajudam a comprovar esse racismo velado do País. Enquanto o número bruto de assassinatos de brancos caiu de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, no mesmo período, o número de negros assassinados subiu de 29.656 para 41.127, quase três vezes mais a quantidade de assassinatos de brancos. Pior: a população negra e parda, segundo o IBGE, dados de 2015, soma 53% dos brasileiros, enquanto a de brancos soma 45,5%. Ou seja: matam-se muito mais negros do que brancos, mesmo.

44% DOS CASOS DE ASSASSINATOS DE HOMOSSEXUAIS DO MUNDO OCORRERAM EM TERRITÓRIO BRASILEIRO.

E esse é só o princípio da discussão sobre a intolerância no Brasil. Somente em 2015, tivemos um **aumento de 633% dos casos de xenofobia**, sendo que somente 1% destes resultaram em processo judicial. No Congresso Nacional, um deputado deu seu voto sobre o *impeachment* homenageando um torturador em rede nacional. Até junho de 2016, tivemos mais de 50 casos de linchamentos registrados. Pastores estimulam fiéis em favor da intolerância contra o público LGBT. Quer mais? Negros continuam recebendo salários menores do que os dos brancos. E, em um *ranking* com 83 países, o Brasil aparece em quinto lugar no número de homicídios de mulheres. Também percebemos, já faz tempo, que expressões intolerantes se tornaram mais comuns com a ascensão das redes sociais. E é delas que vamos falar agora.

Fontes:
<http://lanyy.jusbrasil.com.br/artigos/166673682/a-bandeira-da-intolerancia-brasil-e-recorde-em-mortes-de-homossexuas-no-mundo> - Estatísticas de mortes de homossexuais no Brasil.
<http://pragmatismopolitico.jusbrasil.com.br/noticias/125585153/numero-de-negros-assassinados-aumenta-e-de-brancos-diminui-no-brasil> - Mortes por raça no Brasil.
http://mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf - Homicídios de mulheres no Brasil.

QUANDO A INTOLERÂNCIA

CHEGA ÀS REDES

A grande popularização das redes sociais nos últimos anos projetou mais evidência ao problema da intolerância. De acordo com dados da ONG Safenet, apenas entre os anos de 2010 e 2013, aumentou em mais de 200% o número de denúncias contra páginas que divulgaram conteúdos racistas, misóginos, homofóbicos, xenofóbicos, neonazistas, de intolerância religiosa, entre outras formas de discriminação contra minorias em geral.

Números como esses provocam a sensação de que a internet é quem criou uma grande onda de intolerância. Porém, o que de fato ocorreu é que as redes sociais amplificaram os discursos de ódio já existentes no nosso dia a dia. Pensando bem, como é possível separar a manifestação de preconceitos ocorridos no ambiente virtual das práticas sociais do “mundo real”? No fundo, nas ruas ou nas redes, as pessoas são as mesmas. O ambiente em rede, no entanto, dada a possibilidade de um pretenso anonimato e a confortável reclusão atrás da tela do computador, facilita que cada um solte seus demônios.

Quando uma pessoa posta ou compartilha algum discurso de ódio na internet, ela está reforçando e reafirmando um preconceito que ela já tem, já existente. É uma reprodução no mundo virtual de algo que faz parte da realidade daquela pessoa, daquela sociedade. Chegamos à conclusão de que a intolerância nas redes é resultado direto das desigualdades e preconceitos sociais em geral, e não uma “invenção da internet”.

Fica claro que o mundo virtual se transformou em mais um meio disponível e muito acessível para que os intolerantes se manifestem, às vezes até mesmo incentivando a expressão desses preconceitos. Isso porque, **se a internet não criou a intolerância, ela a reproduz, aumenta seu alcance e ajuda a naturalizar e a conservar discursos de ódio.**

...AS REDES SOCIAIS
AMPLIFICARAM OS
DISCURSOS DE ÓDIO
JÁ EXISTENTES NO
NOSSO DIA A DIA.



QUANDO AS REDES INCENTIVAM A INTOLERÂNCIA

Mesmo que a intolerância difundida no mundo virtual não tenha nascido na internet, não se pode negar o papel dos meios de comunicação de massa e das redes na divulgação e até mesmo no incentivo aos discursos de ódio.

“LIBERDADE DE
EXPRESSÃO NÃO É
LICENÇA PARA SER
ESTÚPIDO.”

Que a internet tem o potencial de ser um meio para a livre circulação de informações transformadoras, que deveria ajudar na construção de uma sociedade mais igualitária e tolerante, não é novidade. O problema é que, muitas vezes, vemos, em posts e compartilhamentos, exatamente o contrário disso. É isso que alimenta nossa vontade de usá-la cada vez mais como antídoto e elemento pedagógico em relação a comportamentos discutíveis, moralmente condenáveis ou até criminais.

O acesso a um canal de comunicação amplo, disponível para todos, aliado a uma ideia distorcida do que é liberdade de expressão e de seus limites, faz com que muitas pessoas se sintam incentivadas a manifestar preconceitos que fora do mundo virtual não encontrariam eco. Como resume bem uma frase em uma camiseta produzida pelo Newseum, de Washington, “liberdade de expressão não é licença para ser estúpido”.

Foi assim que surgiu, por exemplo, o *cyberbullying*, uma forma de intolerância que diz respeito especificamente ao mundo virtual. Sob a proteção do anonimato, grupos de pessoas podem ofender, perseguir ou criar rumores, boatos e imagens forjadas sobre uma vítima, normalmente reproduzindo preconceitos contra minorias, como racismo, misoginia, homofobia, entre outros.



XINGANDO MUITO NO TWITTER

POR QUE AS PESSOAS SÃO MAIS
INTOLERANTES NO MUNDO DIGITAL?

O ódio e a raiva estão por aí desde que o mundo é mundo. Em uma sociedade em que temos que seguir normas e regras o tempo todo, esses sentimentos são a válvula da panela de pressão. Sabendo disso, precisamos enxergar as diferenças entre sentir raiva e disseminá-la mundo afora. É nesse momento que o ódio se transforma: em vez de ser controlável e passageiro, torna-se uma grave questão social, quase um problema de saúde pública.

A receita para entender em que momento a internet entra no meio de tudo isso é simples: basta pegar um sujeito cheio de preconceitos e dar a ele a "liberdade" de navegar por uma rede considerada livre, sem limites nem ninguém para julgá-lo: pronto, você acabou de criar um *hater* ou um *troll* do mundo digital.

O *hater*, um cidadão que é a negatividade em pessoa, usa o espaço da internet para espalhar palavras de ódio e intolerância. Já o *troll* prefere a provocação: a zoeira é fonte de prazer e divertimento pessoal. Parece até brincadeira de criança, mas é só navegar por *timelines* "famosas" para enxergá-los ali, sempre presentes. Afinal, *the zoeira never ends*.

...PRECISAMOS ENXERGAR
AS DIFERENÇAS ENTRE
SENTIR RAIVA
E DISSEMINÁ-LA
MUNDO AFORA.

A tendência é a de que os agressores na internet tenham um comportamento mais extremo do que teriam fora dela. O anonimato é o que dá segurança a quem ataca, já que a pessoa pode esconder a própria imagem com recursos que a *web* disponibiliza: criando um perfil, usando nomes ou avatares falsos. Tanto para os *haters* quanto para os *trolls*, os ataques ocorrem por quaisquer razões, começando pelo fato de o alvo ter uma opinião diferente da deles, buscam oprimir e discriminar pessoas por sua aparência, comportamentos ou posicionamentos ideológicos. Frases como "Nordestino não sabe votar", "Bancada evangélica", "Petralha é tudo vagabundo", "Qual o seu problema? Você tem *down*?", "Aborrecido é um bicho terrível", "Olha só essa gorda escrota" e "Meu, esse cara é mó viadinho" apareceram no monitoramento do CQM e deixam claro o que é a intolerância visível.

INTOLERÂNCIAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS NÃO SOU INTOLERANTE, MAS...

Tolerar o próximo significa conseguir manter uma relação positiva mesmo com pessoas completamente diferentes de você. Aceitar um elemento diferente da sua cultura, moral, ideologias ou padrões estéticos é essencial para o convívio pacífico em sociedade. Dentre as diversas formas de intolerância, destacamos aquelas visíveis, atos facilmente percebidos como preconceituosos ou discriminatórios, e aquelas invisíveis, atos de discriminação velada, implícita em algum comentário ou comportamento, que muitas vezes passa despercebido por aqueles que não sentem na pele esse tipo de preconceito.

Qual a diferença prática entre o preconceito visível e o invisível? Como podemos localizá-los? Como podemos saber se estamos sendo preconceituosos se muitas vezes nem percebemos que estamos discriminando alguém? Muita calma: a desconstrução de preconceitos velados não é fácil nem rápida, mas é preciso que tenhamos capacidade de perceber que comentários e atitudes podem causar grandes estragos sobre outras pessoas, que têm sentimentos e se ofendem, assim como você.

As intolerâncias visíveis são fáceis de serem identificadas, elas têm alvo explícito e direto. A intolerância feita de maneira direta, para alguém em específico ou para uma figura pública, corresponde a 72% dos casos (mesmo número no gráfico anterior), revelando que esse tipo de intolerância, na maioria dos casos, possui um alvo.

Mas e a intolerância invisível? Ela se esconde em casos cotidianos, e, muitas vezes, nem nos damos conta de nosso comportamento ou comentário preconceituoso. Uma professora manda um bilhete para a mãe de uma de suas alunas negras dizendo que a garota ficaria mais bonita se “abaixasse” o cabelo. O jovem diz para uma pessoa mais velha que ela “já não tem mais idade para certas coisas”. O homem que atravessa a rua ao ver mendigos na sua frente. Quem diz que Bolsa Família é esmola. Os pais que não querem que seu filho brinque com uma criança adotada por homossexuais. E por aí vai.

TOLERAR O PRÓXIMO
SIGNIFICA CONSEGUIR
MANTER UMA
RELAÇÃO POSITIVA
MESMO COM PESSOAS
COMPLETAMENTE
DIFERENTES DE VOCÊ.

Sem ofensas diretas, sem frases odiosas e sem grande alarde, comentários e atitudes como esses são reproduzidos incessantemente no nosso dia a dia, passando muitas vezes despercebidos, e contribuindo para a contínua perpetuação de barreiras e distâncias sociais.

A intolerância, visível ou invisível, está presente em nosso cotidiano: em nossas relações de trabalho e consumo, nos estereótipos que a mídia nos empurra goela abaixo, estruturada em um Estado que pune os mais pobres, implícita em discursos de líderes religiosos, explícita em projetos de lei que querem abolir a discussão de gênero na educação (e a lista, infelizmente, só cresce).

Desconstruir intolerâncias e preconceitos não é nada fácil, mas tornar explícita a intolerância daquilo que é cotidiano, daquilo ao qual não damos o devido valor, é o primeiro passo em busca de uma sociedade mais igualitária e menos segregadora.



OS TIPOS DE INTOLERÂNCIA

LEGENDAS:

Intolerância real: aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.

Intolerância abstrata: aquela que não se refere a caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.

Intolerância visível: aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.

Intolerância invisível: aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.

Menção negativa: aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.

Menção positiva: aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.

Menção neutra: aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.

Grafos de conexões: aqueles que apresentam de forma simples como as intolerâncias são repercutidas nas redes em determinado período, ilustrando as junções e o comportamento dos usuários com os diferentes tipos de intolerância e sua disseminação virtual.

Nuvens de termos: o tamanho dos termos expressa a quantidade (maior ou menor) de repetição da palavra no monitoramento.

QUANDO O PRECONCEITO É PRECOCE [^] INTOLERÂNCIA POR

APARÊNCIA

Lidamos com a intolerância de aparência desde a infância e a adolescência, fases em que o *bullying* corre solto. Já conhecido mundialmente, o termo é usado para caracterizar atos de violência – psicológica, física, verbal, material, moral, sexual e virtual – que acontecem entre crianças e adolescentes, principalmente nos ambientes escolares.

O *bullying* pode ser cometido (“cometido”, sim, porque é crime) por uma pessoa ou por várias. É intencional, repetitivo, e não possui motivação clara. Às vezes é até difícil identificar o responsável pela agressão. O *cyberbullying*, versão *on-line* da agressão, acaba funcionando como uma extensão do que a criança vive no dia a dia – mas que, por rolar na internet, se espalha muito mais rápido.

Em 2013, a adolescente Julia Gabriele, com 12 anos na época, foi vítima de *cyberbullying*. Páginas de humor utilizaram a foto da garota para fazer piadas com sua aparência, que passaram também para o perfil pessoal da menina (foi duro ler a sinceridade da tristeza da garota):



Fonte:
<http://todateen.com.br/souassimt/entenda-caso-julia-gabriele-adolescente-brasileira-sofreu-cyberbullying/>


O PESO DO OUTRO NÃO TE DIZ RESPEITO

Outro tipo de *bullying* é a gordofobia, agressão que atinge todas as idades e está, mais uma vez, diretamente ligada aos padrões de beleza que a sociedade escolhe para nós. O gordofóbico despreza pessoas gordas e obesas, sente-se desconfortável perto delas, além de se sentir no direito de usar o peso do outro como motivo de piadas.

O site brasileiro de empregos Catho constatou, com base em uma pesquisa feita em 2013, que 6,2% dos empregadores confessaram não contratar pessoas obesas para os cargos oferecidos. Em uma sociedade em que o bonito é ser magro, há uma falsa ideia de que quem faz piada com o peso alheio está apenas "preocupado" com a saúde do outro. Enquanto isso, pessoas que podem muito bem sofrer de algum transtorno alimentar, como anorexia e bulimia, são quase que obrigadas a viver com vergonha de seus corpos.

Em abril deste ano, o internauta Marcos Casteletti resolveu fazer um experimento em seu próprio Facebook: ele trocou a última foto do seu perfil por uma antiga, em que aparecia com 70 quilos a mais. Entre os "resultados", oito pessoas desfizeram amizade com ele e uma o bloqueou, além dos "elogios" recebidos de outros colegas que sabiam que ele tinha feito uma cirurgia de redução do estômago. Marcos explicou tudo no seu perfil.



 27 de abril · São Carlos · 🌐

Domingo resolvi fazer um experimento social. Decidi colocar uma foto antiga minha no perfil, pesando 70kg a mais, e ver a reação das pessoas que não me conheceram enquanto eu era obeso mórbido.

A foto ficou no meu perfil por apenas 2h. Os resultados?

- elogios variados, dizendo que a cirurgia bariátrica fez muito bem para mim (concordo, minha saúde hoje está quase 100%)
- pessoas dizendo que tem que ter muita coragem para passar por uma transformação dessa visto que as mudanças soa bruscas e repentinas. Aí entra a parte delicada da questão, os impactos negativos:
- 8 pessoas desfizeram a amizade dentro dessas 2h
- 1 pessoa me bloqueou
- 1 paquera/crush parou repentinamente de falar comigo e depois me tratou de forma fria quando fui puxar assunto
- 1 pessoa disparou a seguinte frase quando me viu pessoalmente: "tire aquela foto sua do perfil, tá ridículo, você tem que mostrar o que é agora"
- ex-ficante veio dizer que não ficaria comigo se eu ainda fosse 'daquele tamanho' (isso tudo de forma espontânea, sem eu ter perguntado).

Algumas observações:

A sociedade ainda ataca o gordo como forma de tentar muda-lo, muitas vezes utilizando motivos de saúde para isso.

O gordo ainda é tabu na sociedade.

O gordo ainda sofre preconceito, e muitos nem reconhecem que a gordofobia existe.

O gordo ainda é motivo para justificar desinteresse amoroso ou sexual

O gordo ainda é fetiche (sim!)

Minhas conclusões:

Ainda temos MUITO o que desconstruir com relação a gordofobia. Seus comentários maldosos não serão construtivos, seu preconceito não será tratado como 'brincadeira'.

O padrão de beleza ainda está longe de ser quebrado. Mas estamos cansados de sermos silenciados, e vai ter luta contra gordofobia sim.

E pela última vez eu digo:
Eu me orgulho de ter chegado aonde cheguei, mas jamais terei vergonha de quem eu fui no passado. Já tive 180kg, não me envergonho disso. E não ADMITO que façam comentários negativos a respeito da minha aparência do passado e JAMAIS irei tolerar comentários preconceituosos e ofensivos direcionados a gordos.






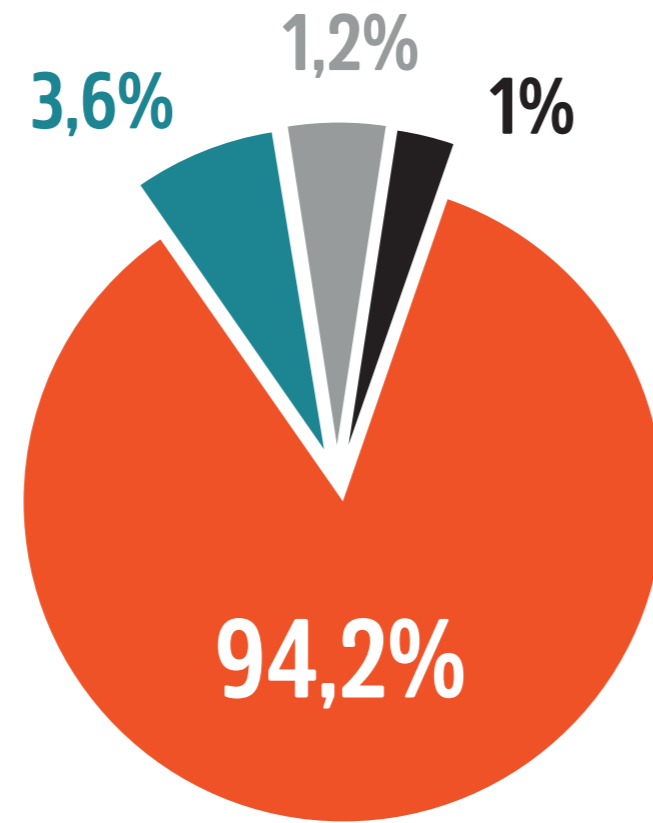
👍 Curtir 💬 Comentar ➔ Compartilhar

👤 Ana Beatriz Barbosa, Mara Luongo Dias e outras 17 mil pessoas

2.383 compartilhamentos 952 comentários

MENÇÕES

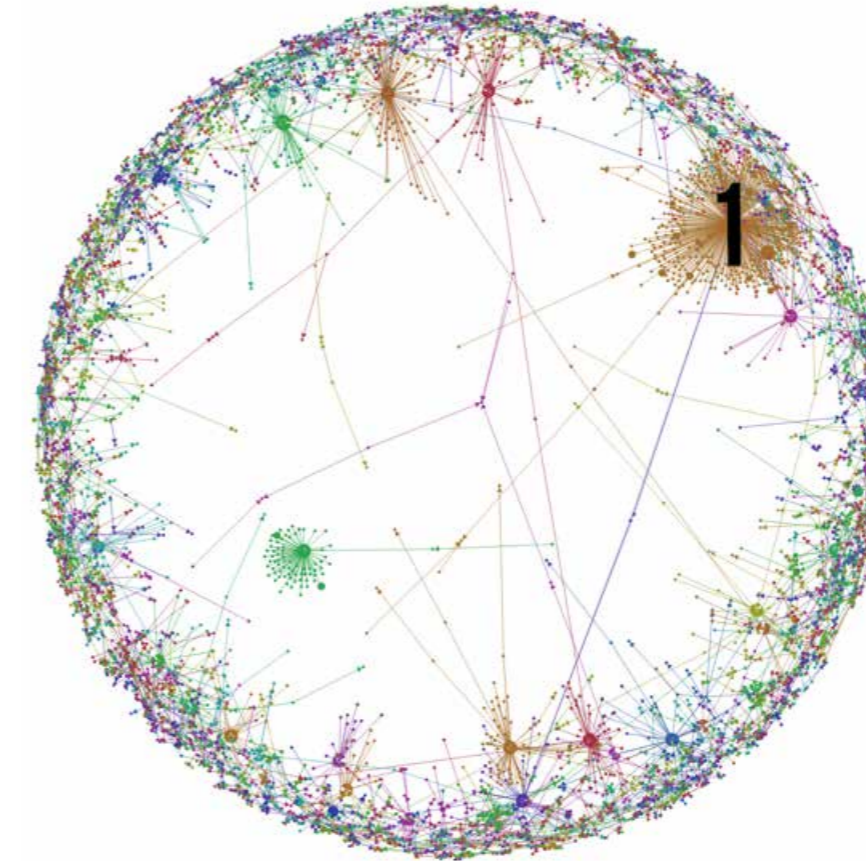
- NEGATIVA**  **94,2%**
aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.
- POSITIVA**  **3,6%**
aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.
- NEUTRA**  **1,2%**
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.
- NÃO CLASSIFICADA** **1%**



A maioria das menções é negativa, mostrando que somente 3,6% do público questiona-se sobre comportamentos intolerantes sobre o tema aparência.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A intolerância com a aparência nas redes, no primeiro período, se apresenta na maioria das vezes em forma de piada, como uma intolerância invisível. Na imagem, podemos notar alguns pontos com maior concentração de conexões. O maior deles (ponto 1) ilustra a disseminação de um comentário intolerante, mas comumente aceito.

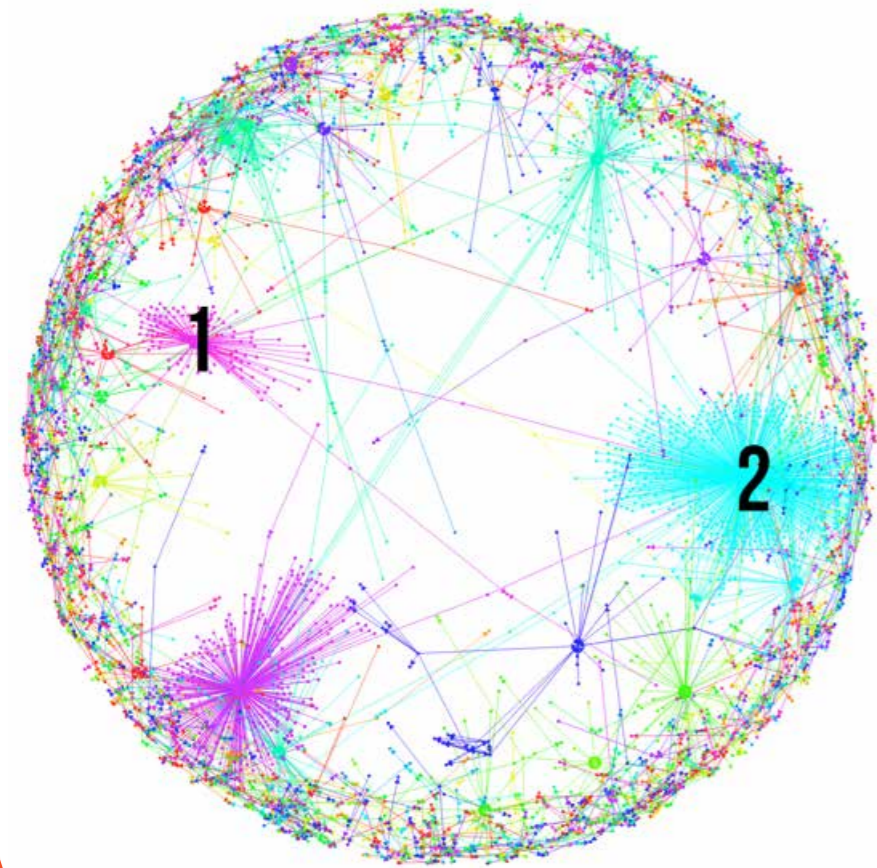
Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (MARROM)



GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



No segundo período, temos mais focos de conexões, que representam mais comentários intolerantes, visíveis e invisíveis, e até alguns tolerantes. Como mostram as duas menções ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (ROXO)



A mina é feia pra caralho ainda quer tira foto fazendo careta ai fode o batalhão

RETWEETS
300

CURTIDAS
142



PONTO 2: (AZUL-CLARO)



repetindo: NÃO EXISTE CABELO RUIM! todos temos cabelos diferentes e ruim é a mente que só enxerga um tipo de beleza!

RETWEETS
882

CURTIDAS
1.282



09:21 - 17 de jun de 2016



INTOLERÂNCIA COM CLASSES SOCIAIS NÃO É COISA DE POBRE”,
É COISA DE INTOLERANTE

INTOLERÂNCIA RELACIONADA À CLASSE SOCIAL

A desigualdade está aí desde que o homem vive em sociedade. Seja intelectual, financeira ou física, todos somos diferentes: nossas prioridades, pensamentos, ideologias, etc. O problema é quando a desigualdade se traduz em reações de ódio.



O personagem vivido por Miguel Falabella, nos anos 2000, em Sai de Baixo, dizia “tenho nojo de pobre”. Expressões como “coisa de pobre”, “tenho nojo de pobre”, “coisa de riquinho”, e outras tantas, servem para colocar mais lenha na fogueira da intolerância. Enquanto desigualdades são inerentes ao ser humano, o ódio com quem tem menos ou mais, por infinitos motivos, não é nada natural.



Em 2014, a professora Rosa Maria Meyer, docente do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi afastada por publicação intolerante no Facebook, por depreciar um homem por suas roupas, o que acarretou reações igualmente intolerantes. Fica claro no post que, para ela, aeroporto seria lugar de gente “bem-vestida” (classe alta) e rodoviária lugar de gente “malvestida” (classe baixa).



MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



94,8%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



2,7%

NEUTRA

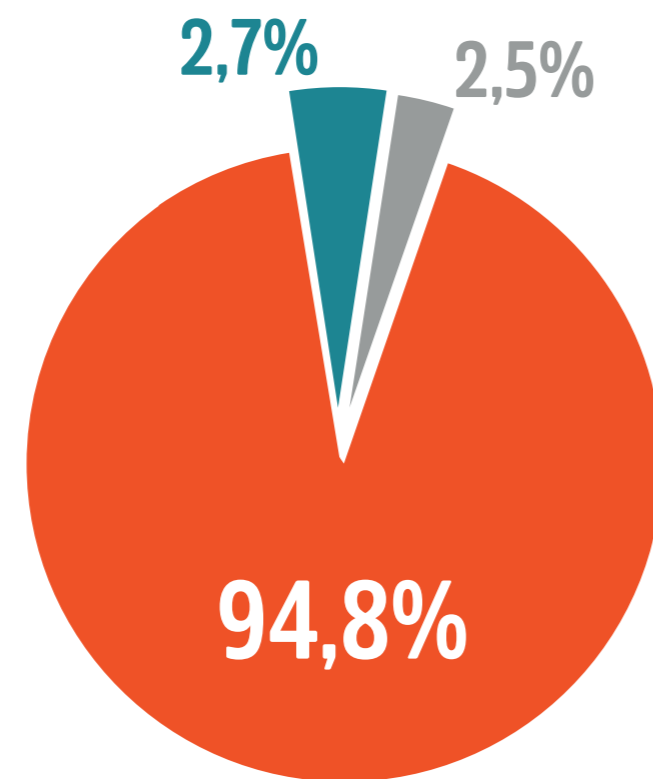
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



2,5%

NÃO CLASSIFICADA

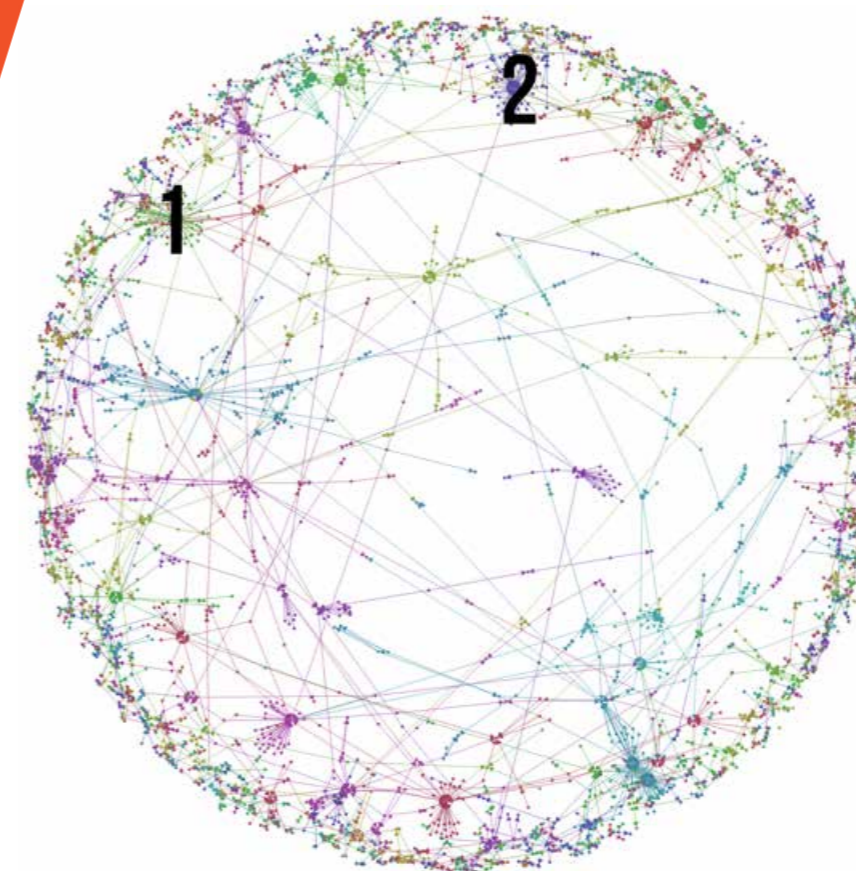
0%



A esmagadora maioria das menções intolerantes captadas em nosso monitoramento é negativa, buscando depreciar um grupo de pessoas de acordo com sua classe social.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



No primeiro período, notamos os pontos bem afastados e com poucas conexões, que representam comentários avulsos e com baixíssima taxa de compartilhamento. Refletem também o comportamento velado na hora de compartilhar esse tipo de intolerância.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (VERDE)

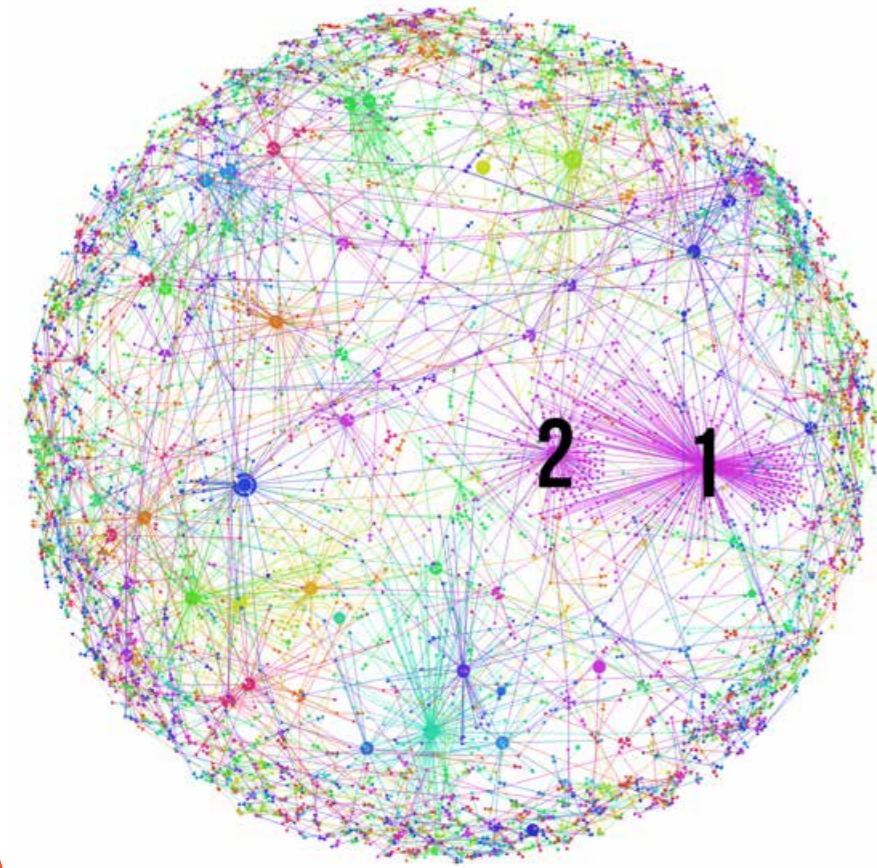
Facebook post by a user with profile picture of a man. The post text reads: "Vai trabalhar, vagabundo": Feliciano é trollado no Facebook após vídeo sobre o MinC". Below the text is a video thumbnail showing a man speaking. The post has 65 retweets and 62 likes.

PONTO 2: (ROXO)

Facebook post by a user with profile picture of a woman. The post text reads: "Um presidente falando em dar emprego e não dar bolsa esmola" followed by several heart emojis. The post has 85 retweets and 93 likes.

GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



No segundo período, temos um cenário totalmente diferente do primeiro, com muito mais movimento. Isso ocorreu como resultado de um momento de intolerância política e que, consequentemente, também inflamou comentários com teor intolerante com as diferentes classes sociais, ilustrados nas menções ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (ROXO MAIOR, À DIREITA)

crianças sao incríveis mesmo. Hoje meu sobrinho de 4 anos sobre um mendigo que estava deitado na rua:
- tia, aquele homem era fedido né?

RETWEETS 396 CURTIIDAS 352

PONTO 2: (ROXO MENOR, AO CENTRO)

Dilma: "me criticaram sobre o Porto de Mariel, em Cuba. Aí o Obama vai pra Cuba e muda tudo." #DilmaNaTVBrasil

RETWEETS 196 CURTIIDAS 225



NA BUSCA POR ACESSIBILIDADE E RESPEITO

INTOLERÂNCIA CONTRA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A intolerância contra deficientes acontece, geralmente, de maneira velada. Os comentários depreciativos contra pessoas com deficiência podem até passar despercebidos para nós, mas fazem parte de uma dura realidade para quem tem alguma deficiência. Eles têm limitações diárias de locomoção, acessibilidade, empregabilidade e acesso aos estudos, além de ter de lidar com ofensas e piadas com a própria condição. Os crimes de ódio contra deficientes envolvem intimidação, abuso, comentários de mau gosto, imitações e ataques morais. E a internet facilita abordagens de ódio.

Por trás da intolerância está também a questão dos lugares especiais reservados para pessoas com deficiência, como assentos, vagas preferenciais, atendimento exclusivo em bancos, empresas, instituições. É comum ter seu espaço ocupado e acaba discutindo ou brigando apenas pelo mínimo: ter seus direitos respeitados. **A ausência de uma educação inclusiva, que ensine noções de cidadania, respeito e convivência, é o principal motivo para esse tipo de intolerância.** Como fruto, pessoas com deficiência acabam tendo seus direitos negados, podem sofrer de baixa autoestima e passam a vida sentindo-se impotentes, como mostra o caso da Thaís Mussio.

POR TRÁS DA INTOLERÂNCIA ESTÁ
TAMBÉM A QUESTÃO DOS LUGARES
ESPECIAIS RESERVADOS PARA
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA...

Ela usou o espaço das redes sociais para denunciar sua indignação ao ser proibida de viajar para a Austrália por conta de sua condição de cadeirante. Na publicação em seu perfil do Facebook, ela diz querer conscientizar as pessoas de que “uma cadeira de rodas não é sinônimo de doença”. O *post* teve, até junho deste ano, mais de 3.800 curtidas, e cerca de 1.460 compartilhamentos.



INTOLERÂNCIA

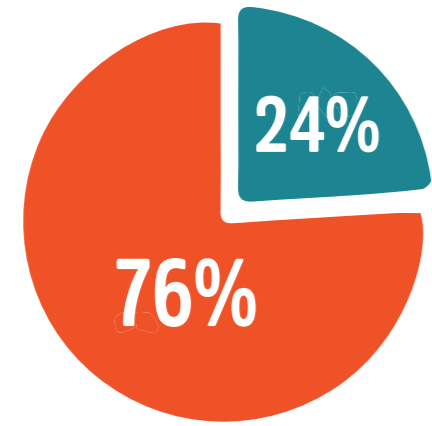
VISÍVEL

aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.



INVISÍVEL

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.



● INVISÍVEL



● VISÍVEL

As menções possuem vítimas, seja pela desmoralização de figuras públicas na internet ou por comentários mal-intencionados para terceiros e "colegas", com expressões "retardado" e "retardado mental".

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



93,4%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



4,2%

NEUTRA

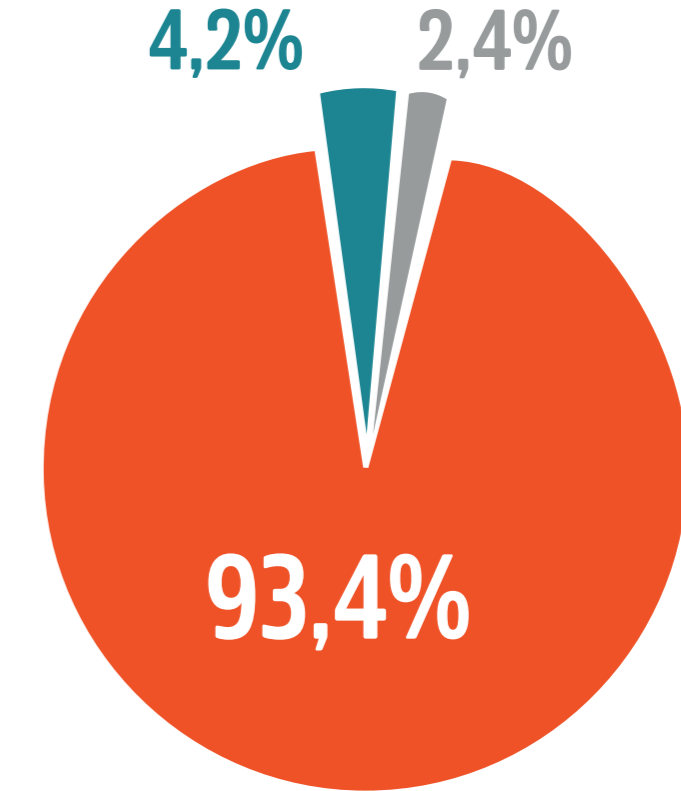
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



2,4%

NÃO CLASSIFICADA

0%



Não há uma forte problematização sobre o tema nas redes sociais; somente 4,2% das menções questionam sobre a negatividade de comportamento intolerante.

O gráfico mostra que a maioria das menções possui uma intenção real de ofender, independentemente se a pessoa atacada possui algum traço de deficiência. O objetivo dos xingamentos é desmoralizar a vítima, por traços físicos e/ou psicológicos.

INTOLERÂNCIA

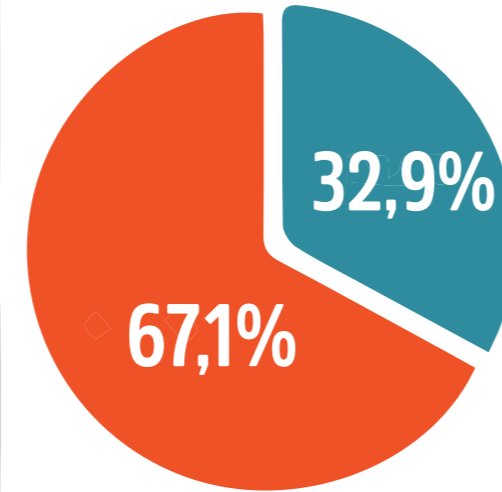
REAL

aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.



ABSTRATA

aquela que não se refere a caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.



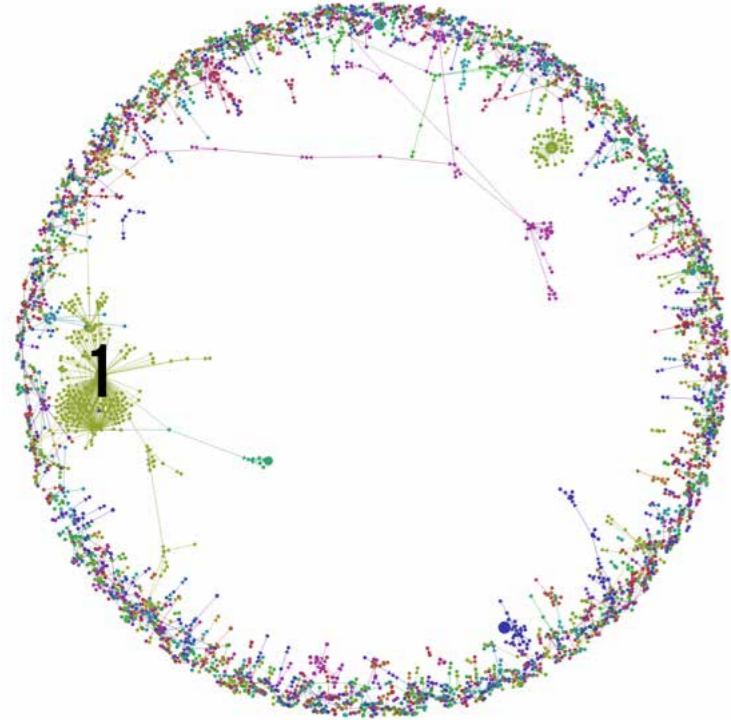
● ABSTRATA



● REAL

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A intolerância relacionada à deficiência é majoritariamente **invisível** – assim como a de aparência. No primeiro período, não tivemos grande disseminação dos comentários intolerantes, surgindo apenas menções avulsas e sem grande impacto.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (VERDE)



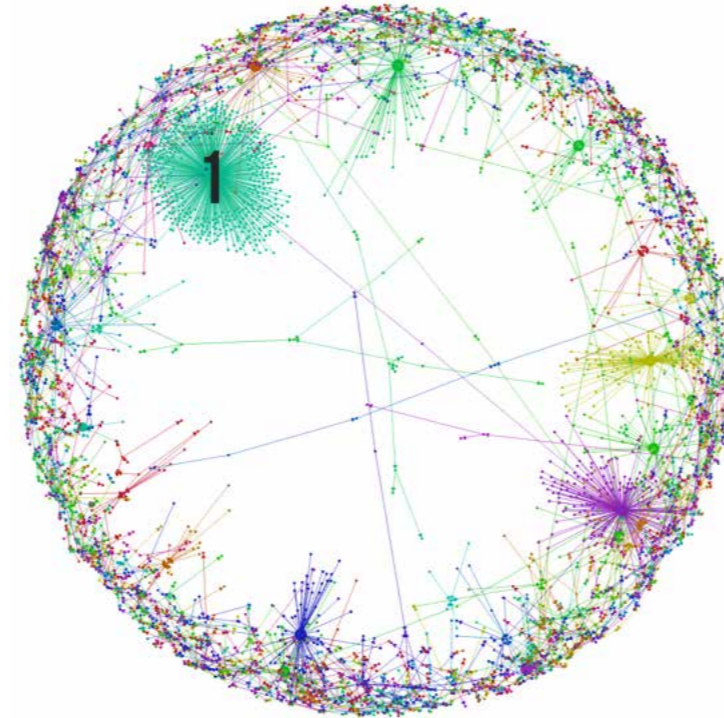
09:20 - 22 de mai de 2016

Notamos grande diferença do primeiro para o segundo período. Agora temos comentários menos difusos e com grande concentração de menções (ponto 1), que foi gerada pelo comentário intolerante relacionado a uma figura pública, como demonstra a menção a seguir:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



PONTO 1: (VERDE)



PRA QUE LEVAR A VIDA EM PRETO E BRANCO? HOMOFOBIA

Um homossexual é assassinado a cada 28 horas no Brasil. O País é líder no *ranking* de nações com mais registros de casos de homofobia no mundo todo. Segundo a ONG Safernet, responsável por ajudar no atendimento a vítimas de crimes virtuais, 15.141 denúncias de conteúdo homofóbico foram feitas em 2013. Nessa toada, os números só tendem a aumentar.

O ódio e a aversão a homossexuais e à homossexualidade têm nome próprio: homofobia, que envolve ofensas contra gays, lésbicas, transexuais e bissexuais. Os motivos para as práticas homofóbicas vão desde causas culturais e religiosas até inseguranças sobre a própria orientação sexual do agressor. Ao contrário do que acontece com pessoas com deficiência, os insultos aos LGBTs são facilmente identificados, já que esse preconceito ainda parece fazer parte de muitas culturas ao redor do mundo.

UM HOMOSSEXUAL
É ASSASSINADO
A CADA 28 HORAS
NO BRASIL.

Em novembro do ano passado, o jovem Ramon Habitsenther, de 21 anos, teve o muro da própria casa pichado com a palavra "bichona". Em resposta, Ramon fez um *post* em seu Facebook, no qual aparecia ao lado da pichação.



Reprodução/Facebook

"Nunca vou fingir ser algo que não sou para ser aceito", diz o universitário que teve o muro de casa pichado

Fonte:
<http://lgay.ig.com.br/2015-11-10/vitima-de-homofobia-universitario-reage-na-internet-bichona-de-marca-maior.html>

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



93,9%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



5%

NEUTRA

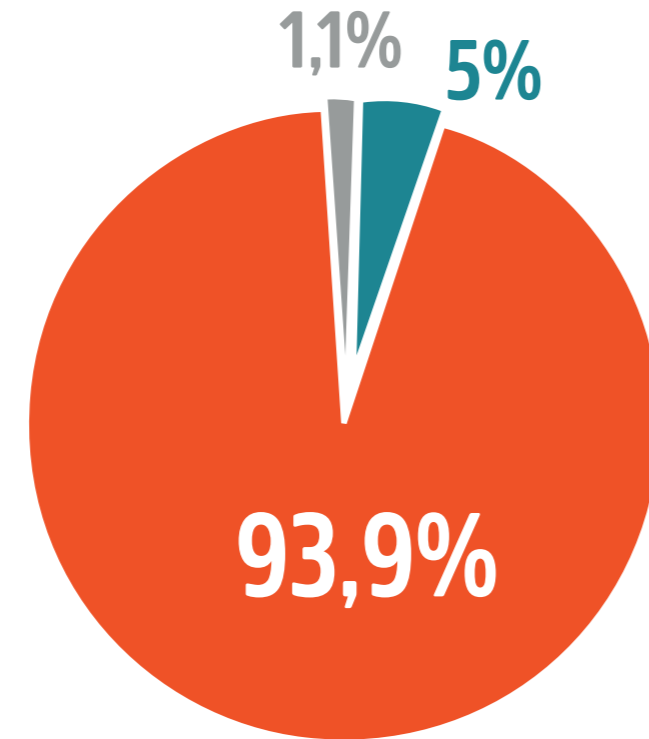
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



1,1%

NÃO CLASSIFICADA

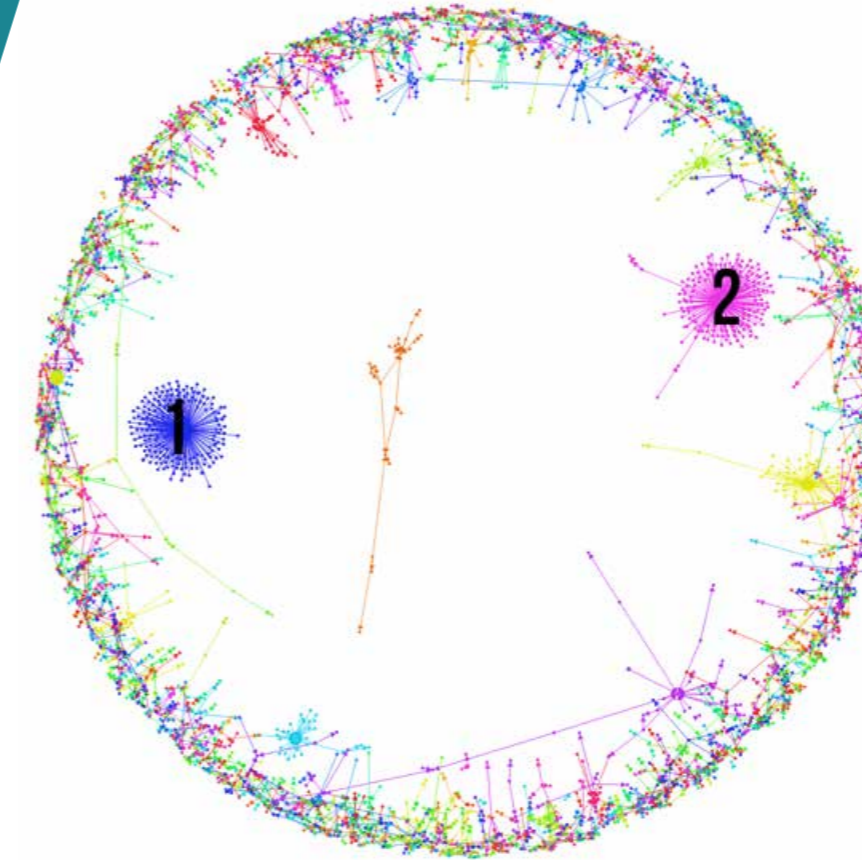
0%



O gráfico mostra que a problematização sobre a intolerância LGBT é baixa (5%), mas sutilmente maior que outras formas de intolerância. A discussão e o apoio vêm da própria comunidade LGBT e de pessoas simpatizantes, que questionam os padrões normativos e as expressões mal-intencionadas.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A intolerância com a comunidade LGBT no meio digital não ficou devendo nada para o que já acontece na realidade – no pior sentido. No período, registramos muitos comentários dispersos, mas também dois grandes focos (ponto 1 e ponto 2) de disseminação intolerante, um visível e outro invisível, como ilustram os tweets ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (AZUL-ESCURO)



[Name obscured]



Seguir

VÍDEO NOOOOVOOO! Aquele seu RT pra eu ficar feliz! Marca o @ do seu amigo baitola kkkkkk



EU VIREI GAY | PARÓDIA Jorge & Mateus - Sosseguei
 MEU INSTAGRAM: <http://goo.gl/uYVFV2> MEU TWITTER: <http://goo.gl/z6Wwdj> MINHA PÁGINA: <http://goo.gl/vuB0a1> MEU FACE: <http://goo.gl/q2QSUj> CANAIS PARTICIPANTES:...
youtube.com

PONTO 2: (ROSA)



[Name obscured]

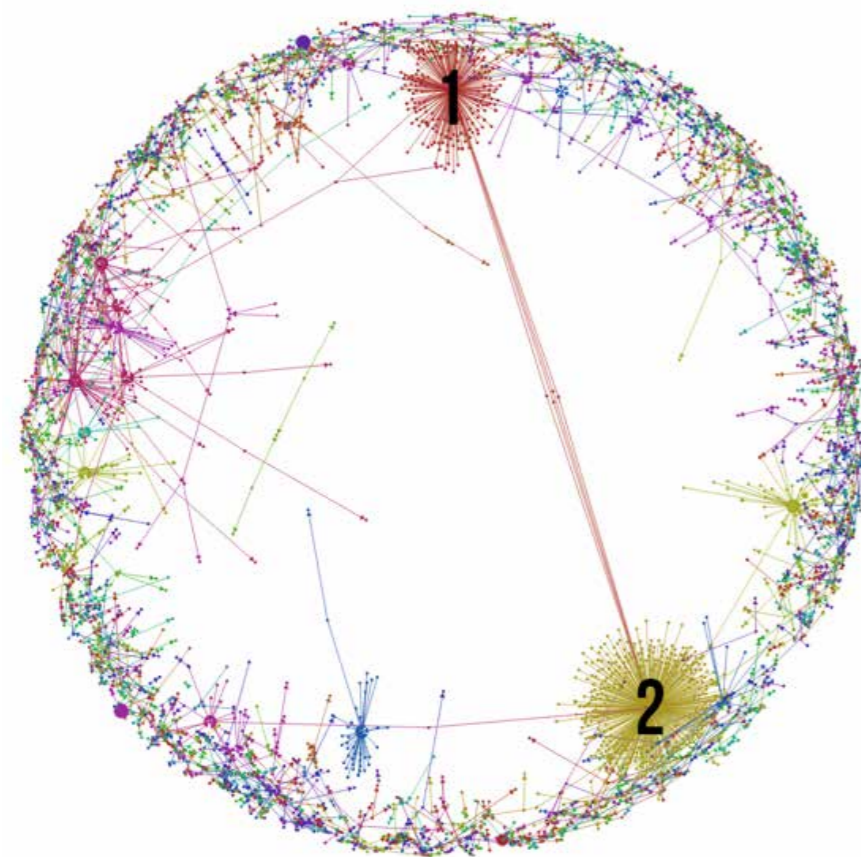


Seguir

DOMINGO OS QUEIMA ROSCA FICAM TUDO SALTITANDO ESPERANDO A MINISSÉRIE GAY ME OF TRONES

GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



No segundo período, podemos notar o quanto usuários influentes podem ter papéis decisivos quando compartilham algo nas redes. No gráfico, estão dois grandes focos, ambos gerados por relevantes influenciadores (pontos 1 e 2), que deram dimensão muito maior para o tema no período, como mostram as menções ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

HOMOFOBIA

PONTO 1: (MARROM)



Seguir

sim, eu sou meio afeminado

PONTO 2: (MOSTARDA)



Seguir

Eu já tenho cara de baitola e minha namorada ainda me dá essas pantufas, triplicou a baitolagem 😂



RETWEETS

1.435

CURTIDAS

11.576



LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER MISOGINIA

On-line ou *off-line*, mulheres sofrem com o machismo diariamente. Assédio, ódio declarado, incitações a estupro, nudez vazada, pornografia de vingança e discursos travestidos de “piada” são só um aperitivo do que representa a misoginia – nome dado ao ódio e à aversão às mulheres – tanto nas redes quanto fora delas.

A misoginia, assim como acontece com outras intolerâncias, ganha proporções muito maiores no meio digital, pois existe uma linha muito tênue entre o que é liberdade de expressão e o que se torna discurso de ódio. Ao mesmo tempo que a internet dá mais espaço para que as pessoas digam o que querem, ela também escancara a desigualdade de gênero existente em todas as esferas da sociedade.

O bom de tudo isso é que, enquanto alguns procuram difundir e ridicularizar mulheres *web* afora, elas estão usando o espaço para dialogar, debater e promover grupos de discussão, ajudando umas às outras. Hoje é muito mais fácil encontrar páginas feministas (“feminista”, sim, isso não é palavrão) e iniciativas de auxílio a mulheres nas mais variadas redes sociais. Afinal, a luta contra o machismo vai bem além da tela do computador.

Em maio de 2016, o presidente interino do Brasil, Michel Temer, anunciou um ministério composto apenas por homens. Nada de novo sob o sol, não faltaram comentários machistas na internet:



Se eu fosse o Temer criava o Ministério da Cozinha e da Limpeza e colocava uma mulher, só pro pessoal chorar menos. hahahaha

13/05/16 11:28



E??? O que importa é que tenham os melhores, independente de qualquer coisa. Mérito importa mto mais, igualdade ã é importante (só formalmente).

quinta-feira às 08:48 · Curtir · 1 · Responder



As mulheres que tiveram no poder só fizeram merda, ta bom do jeito que ta. Se ficar pior, pelo menos as mulheres não serão mais culpadas.

Há 11 horas · Curtir · 140 · Responder

Fonte:
<http://azmina.com.br/2016/05/os-10-comentarios-mais-machistas-da-internet-sobre-os-ministerios-de-temer/>

A MISOGINIA, ASSIM COMO
ACONTECE COM OUTRAS
INTOLERÂNCIAS, GANHA
PROPORÇÕES MUITO
MAIORES NO MEIO DIGITAL.



DADOS COLETADOS NAS REDES SOCIAIS SOBRE MISOGINIA

(ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016) MONITORAMENTO BY TORABIT

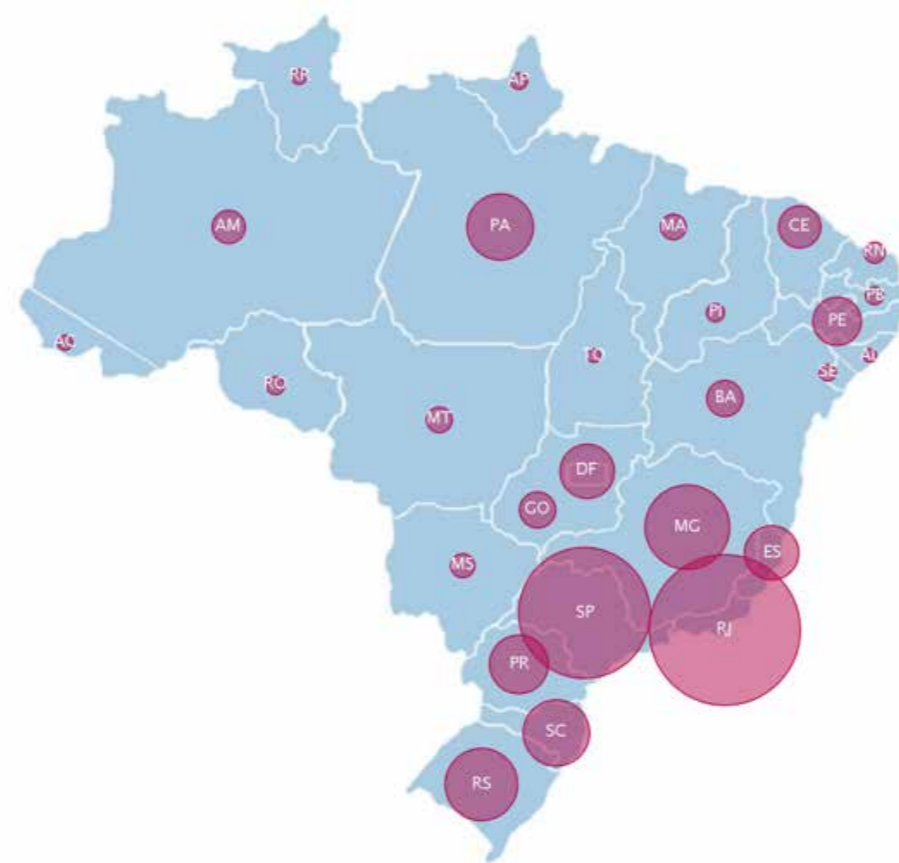
NÚMERO DE MENÇÕES CAPTADAS: 79.484

NUVEM DE TERMOS:



MISOGINIA

MAPA DE CALOR (BRASIL):



Localização das menções (Twitter e Instagram)

As proporções mostradas neste mapa de calor revelam a incidência de comentários intolerantes no cenário digital no Brasil. Mas também são afetadas pela densidade de pessoas com acesso à internet no País.

INTOLERÂNCIA

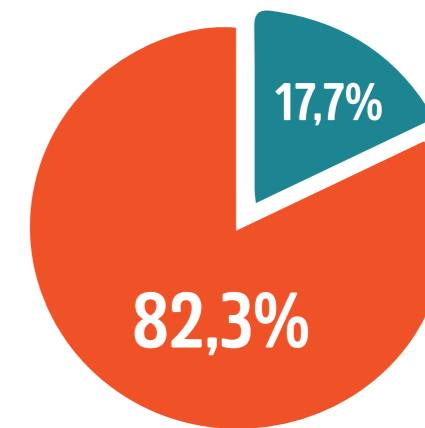
VISÍVEL

aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.



INVISÍVEL

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.



● INVISÍVEL



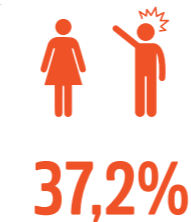
● VISÍVEL

Mais de 80% dos casos de intolerância contra mulheres são visíveis, mostrando como vem sendo corriqueiro menosprezar a figura feminina explicitamente nas redes sociais.

INTOLERÂNCIA

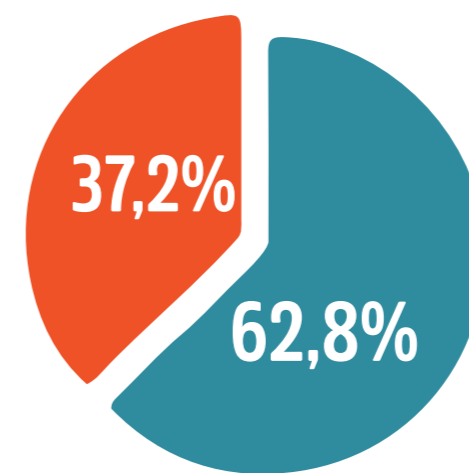
REAL

aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.



ABSTRATA

aquela que não se refere a caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.



● ABSTRATA



● REAL

O gráfico mostra que a maioria dos comentários se refere a mulheres na forma abstrata, mas uma boa parte também se refere a pessoas reais.

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



88%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



10,4%

NEUTRA

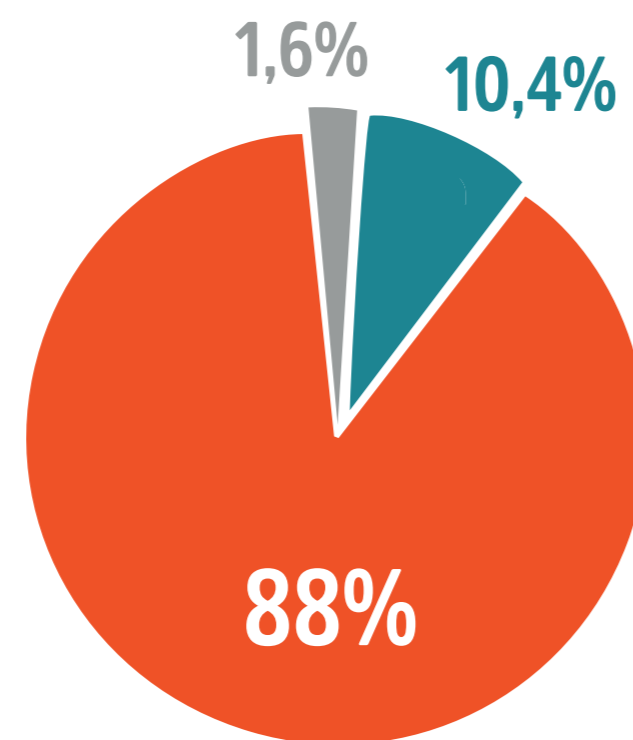
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



1,6%

NÃO CLASSIFICADA

0%



Registramos mais de 10% de menções positivas quando o assunto é misoginia, mostrando uma alta taxa de pessoas que visam criticar comentários que depreciam as mulheres. Um grande número se compararmos com outras intolerâncias. Há uma grande discussão sobre esse tema e uma forte reflexão sobre o comportamento machista presente em nossas relações cotidianas.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A misoginia é uma das intolerâncias que mais são disfarçadas em formatos invisíveis, normalmente como piada. O grafo demonstra como o cenário intolerante perde força quando não há disseminação de menções, tornando-se aleatório e pouco relevante, dando destaque para comentários tolerantes, como estão demonstrados ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (VERDE)



33 - feminismo não é falta de rola, falta de rola é achar que só pq uma mulher usa roupa curta é puta

RETWEETS: 2.190

CURTIDAS: 469



PONTO 2: (ROSA)



dizem que se pisar em bosta da sorte, então deixa eu pisar nessa sua cara de puta pra ver se eu ganho na loteria, bjks fofa

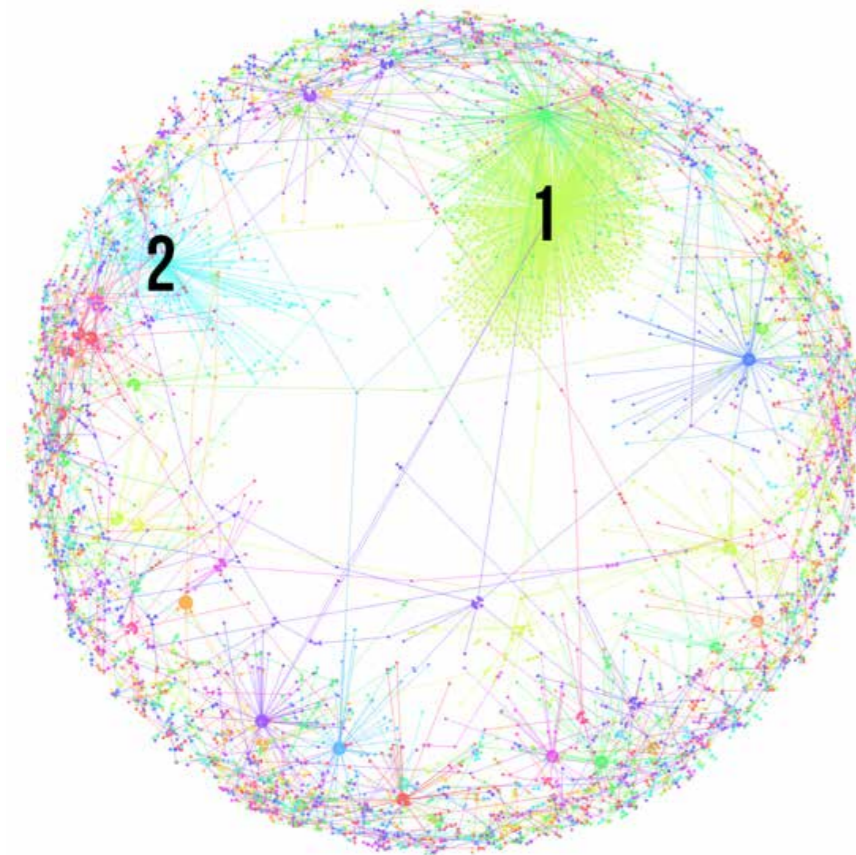
RETWEETS: 1.105

CURTIDAS: 669



GRAFOS DE CONEXÕES:


2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



Já no segundo período registramos uma grande concentração de comentários (ponto 1), todos gerados por um *post* falando sobre tolerância e a desconstrução de padrões machistas e generalistas, como você pode notar nos comentários ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (VERDE-CLARO)



Seguir

feminista é tudo mal comida
loira é burra
lésbica não achou a rola certa
mulher dirige mal

mas não generaliza hooooomemmmmmmm

RETWEETS 8.886 CURTIIDAS 4.905

PONTO 2: (AZUL-CLARO)


Seguir

Não existe maquiagem que melhore essa sua cara de puta.

RETWEETS 742 CURTIIDAS 417





QUANDO UM POSICIONAMENTO
POLÍTICO VIRA ÓDIO
INTOLERÂNCIA NA
POLÍTICA

Coxinha ou mortadela? Reação ou comuna? Esse Fla-Flu nunca esteve tão acirrado, e a intolerância política cada vez mais em evidência no Brasil. Esse foi um ódio fomentado principalmente a partir das campanhas para a última eleição, em 2014, impulsionado pelo resultado apertado do pleito e constantemente alimentado pelas crises política e econômica.

No meio dessa confusão toda, proliferaram memes e notícias falsas nas redes sociais, com discursos extremamente rasos que incentivam o ódio e a divisão. Grande parte dessas (des)informações é criada com o objetivo de desmoralizar o outro lado, aproveitando-se do fato de que grande parte das pessoas não checa as informações publicadas na internet (esse, por si só, um defeito de 10 entre 10 usuários da internet), acirrando ainda mais a disputa, sem chegar nem perto de qualificar o debate.

O efeito disso é a negação completa do lado oposto, que deixa de ser visto pelo que é, um grupo que tem uma posição política diferente da sua, para ser encarado como inimigo, um erro clássico de quem ainda não aprendeu a brincar de democracia. Como resultado, chegou-se ao ponto de construir um muro para separar manifestantes durante a votação da aceitação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, em abril de 2016.

ÓDIO POLÍTICO NA DISPUTA ELEITORAL BRASILEIRA DE 2014

- Roberto Henrique** @RobertoHenrique: dessa arrombada...e o lula...o câncer vai comer ele por dentro...esse verme será devorado...e o resto é bala na cara...correr a tiro do planalto dos palácios e das prefeituras...de todo o país...Limpeza étcinca dessa espécie homo corruptus....
- Roberto Henrique** @RobertoHenrique: OU ESTÁ DROGADA OU ESTÁ ENDEMONIADA!!!! TOTALMENTE DESEQUILIBRADA!!!!
- Roberto Henrique** @RobertoHenrique: Tem que ir para a cadeira elétrica e exterminar toda a família por causa do gene ruim. Bandido bom é bandido morto.
- Roberto Henrique** @RobertoHenrique: Mesmo sendo uma doença terrível, as vezes me pergunto... Porque o câncer leva tanta gente boa embora e não derruba esse porco, imundo ??? 🤔
- Roberto Henrique** @RobertoHenrique: O que eu gostaria mesmo de assistir, o frota dando um murro bem dado no queixo do ciro Gomes



Meme intolerante muito compartilhado nas redes sobre o jornalista Leonardo Sakamoto.

DADOS COLETADOS NAS REDES SOCIAIS SOBRE INTOLERÂNCIA POLÍTICA

(ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016) MONITORAMENTO BY TORABIT

NÚMERO DE MENÇÕES CAPTADAS: 273.752

NUVEM DE TERMOS:



MAPA DE CALOR (BRASIL):



Localização das menções (Twitter e Instagram)

As proporções mostradas neste mapa de calor revelam a incidência de comentários intolerantes no cenário digital no Brasil. Mas também são afetadas pela densidade de pessoas com acesso à internet no País.

POLÍTICA

INTOLERÂNCIA

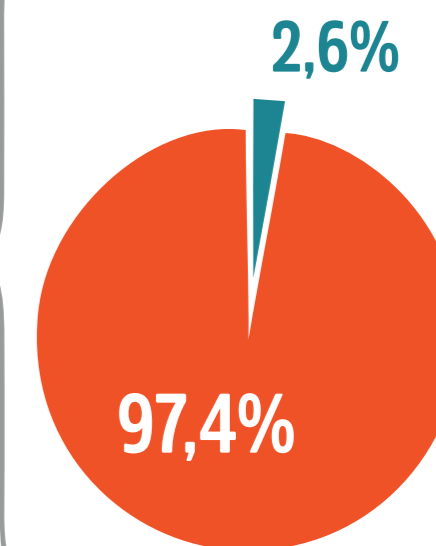
VISÍVEL

aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.



INVISÍVEL

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.



● INVISÍVEL



● VISÍVEL

Quase todas as intolerâncias políticas são visíveis, mostrando que as pessoas não se constrangem em ofender ou discriminar os outros por posicionamentos políticos.

INTOLERÂNCIA

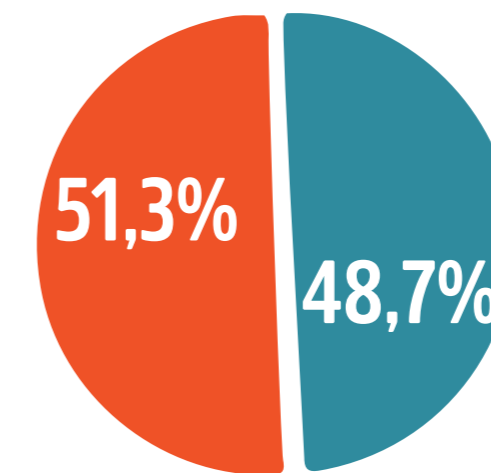
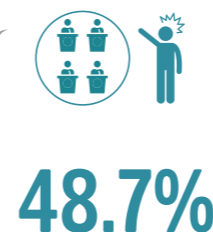
REAL

aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.

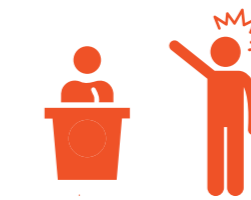


ABSTRATA

aquela que não se refere a um caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.



● ABSTRATA



● REAL

Analizamos que as pessoas demonstram ser intolerantes tanto quando o assunto é relativo a posições políticas abstratas quanto a pessoas físicas que se posicionam politicamente.

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



97,4%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



0,8%

NEUTRA

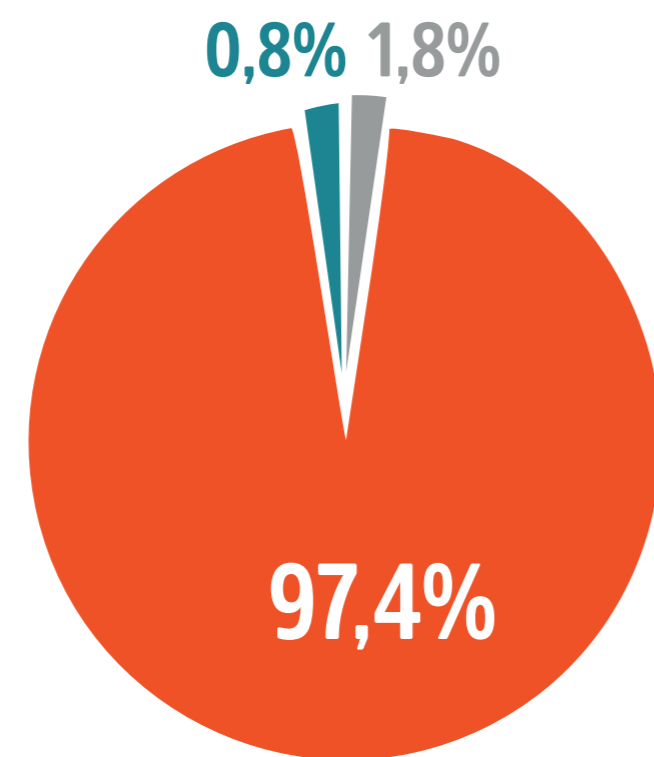
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



1,8%

NÃO CLASSIFICADA

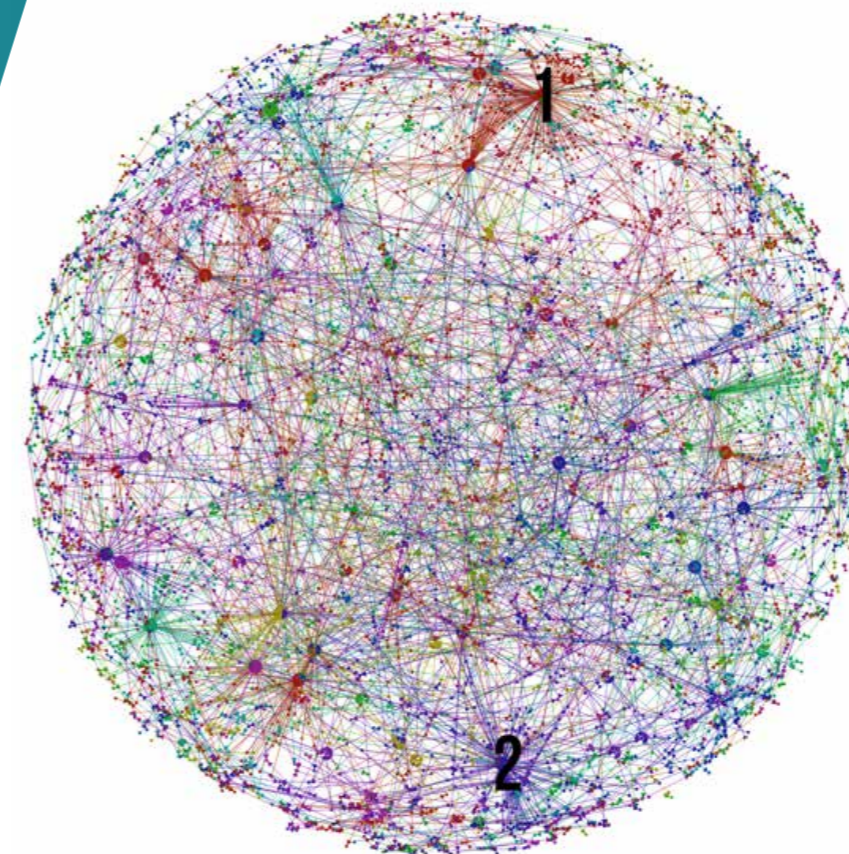
0%



As menções encontradas são predominantemente negativas. O 0,8% de menções positivas demonstra que pouquíssimas pessoas se propõem a criticar ou desconstruir esses posicionamentos intolerantes nas redes sociais.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



Com o cenário de crise política tomando todos os noticiários do período, podemos notar a abismal diferença do grafo de intolerância política com o das outras intolerâncias. No período, grandes influenciadores esqueceram a discussão digital, o que gerou centenas de focos de compartilhamento e disseminação de intolerância das mais diversas vertentes, como pode ser visto nos comentários ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (MARROM)

Cineasta que liderou protesto de esquerda em Cannes está em folha de pagamento do governo federal
veja.abril.com.br/blog/reinaldo/ ... via [@veja](#)

Rein Aze
 Cineasta que liderou protesto de golpistas de esquerda e...
 Kleber Mendonça Filho é diretor de Cinema da Fundação Joaquim Nabuco
veja.abril.com.br

RETWEETS: 462 | CURTIIDAS: 560

PONTO 2: (ROXO)

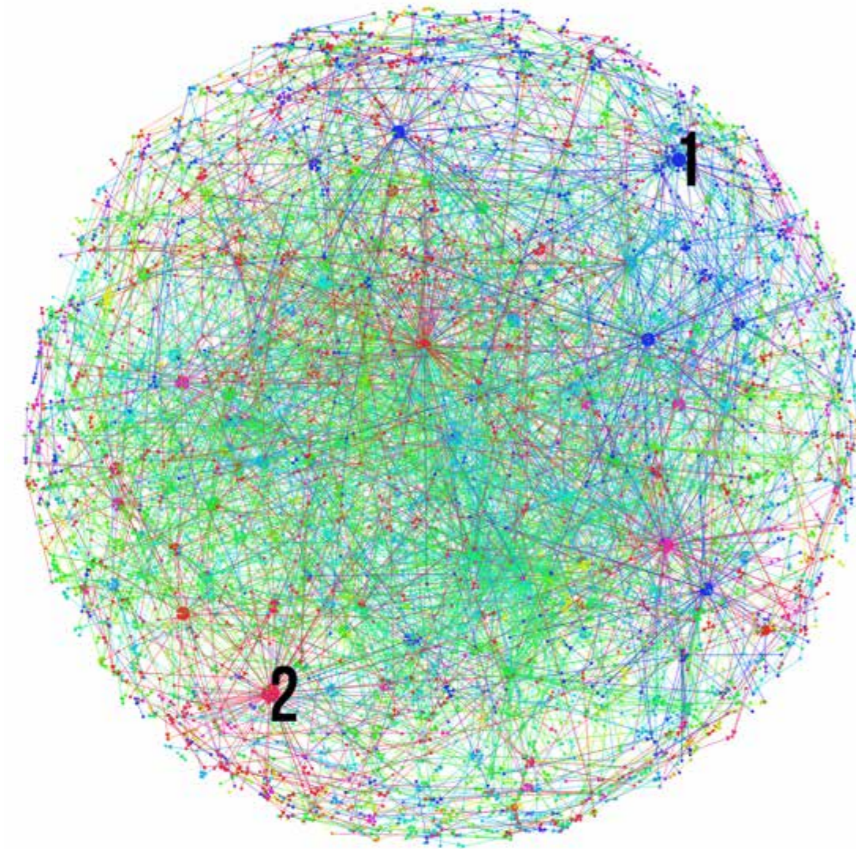
Fora golpistas. RT @folha: Guinada à direita no Itamaraty.

Opinião: Guinada à direita no Itamaraty
 Uma imagem vale mais que cem palavras, diz o provérbio chinês, e uma ação vale por cem imagens, poder-se-ia complementar. E, no entanto, na diplomacia, as palavras pode...
folha.uol.com.br

RETWEETS: 36 | CURTIIDAS: 47

GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



O segundo período demonstra como o cenário tenso na política se estendeu pelos meses de maio e junho, dando continuação à escalada de comentários intolerantes, movimentando o cenário digital.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (AZUL)

   Seguir

Dilma utilizaria o avião para "fazer campanha denunciando o golpe", diz Temer bit.ly/28N1xoY



RETWEETS 89 CURTIDAS 126

PONTO 2: (VERMELHO)

   Seguir

A serenidade no olhar de quem toma tranquila seu mate enquanto Temer, Cunha e a corja golpista se fode.



RETWEETS 694 CURTIDAS 1.812





O TEMPO PASSA PRA TODO MUNDO,
INCLUSIVE PROS INTOLERANTES
INTOLERÂNCIA RELACIONADA À

IDADE/ GERAÇÃO

Todo mundo nasce pequenininho, cresce e envelhece. O ciclo natural da vida é imutável e iminente. Mesmo assim, tem gente que acha que não vai envelhecer nunca e ainda faz questão de deixar a vida de quem já envelheceu, e por isso tem limitações naturais, ainda mais difícil.

Para não alimentar a intolerância que pode engolir todos nós daqui a alguns anos, é melhor repensar em como tratamos nossos velhinhos e velhinhas ainda hoje. Não ter paciência com o tempo que eles precisam pra andar, falar ou entender algo é a conduta-padrão. Com isso, deixamos a pressa do dia a dia engolir as pessoas que têm mais a nos ensinar. Vale a pena pensar aonde queremos chegar com toda essa pressa e mudar nossa relação com os idosos. Ninguém é velho demais para nada, inclusive para deixar de ser intolerante.



DADOS COLETADOS NAS REDES SOCIAIS SOBRE INTOLERÂNCIA COM A IDADE/GERAÇÃO

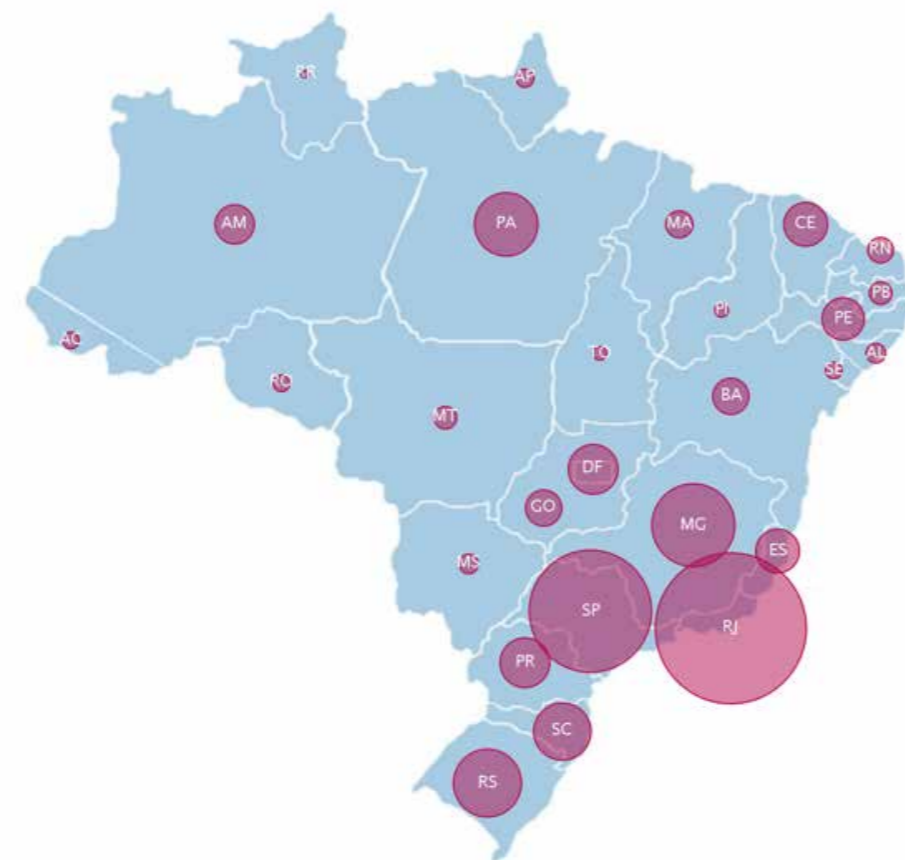
(ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016) MONITORAMENTO BY TORABIT

NÚMERO DE MENÇÕES CAPTADAS: 14.502

NUVEM DE TERMOS:



MAPA DE CALOR (BRASIL):



Localização das menções (Twitter e Instagram)

As proporções mostradas neste mapa de calor revelam a incidência de comentários intolerantes no cenário digital no Brasil. Mas também são afetadas pela densidade de pessoas com acesso à internet no País.

IDADE/GERAÇÃO

A maioria das menções intolerantes relativas à idade é visível. Grande parte delas visa caracterizar alguém de forma negativa e, ao mesmo tempo, relacionar essa característica com sua idade avançada.

INTOLERÂNCIA

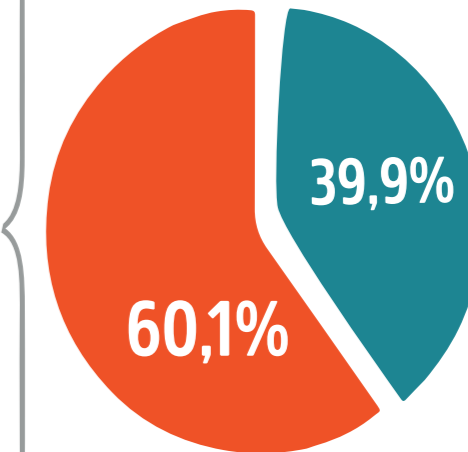
VISÍVEL

aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.



INVISÍVEL

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.



● INVISÍVEL

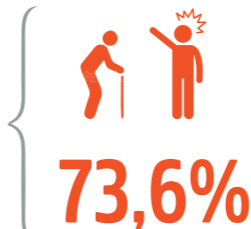


● VISÍVEL

INTOLERÂNCIA

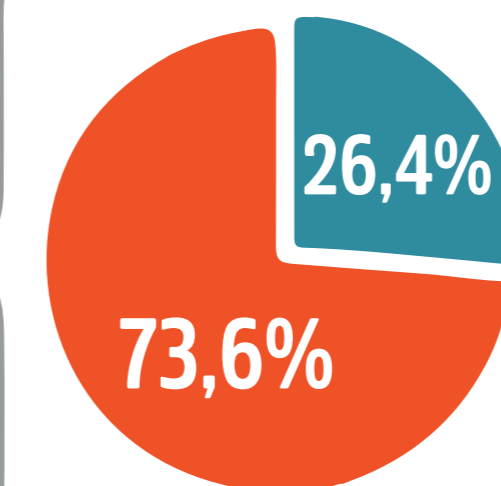
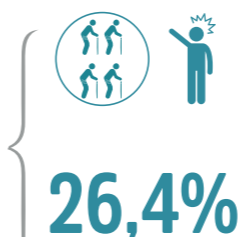
REAL

aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.



ABSTRATA

aquela que não se refere a caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.



● ABSTRATA



● REAL

Quase três quartos das menções encontradas se referiam a casos e pessoas reais, que utilizam o termo "velho" como complemento a uma característica negativa, como "nojentos", "babão" e "safados".

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



92,3%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



4,2%

NEUTRA

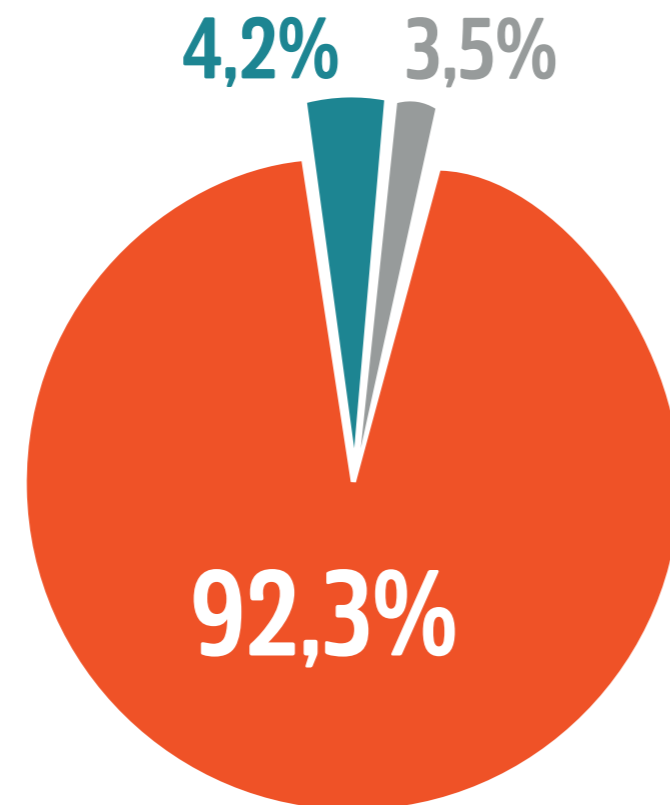
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



3,5%

NÃO CLASSIFICADA

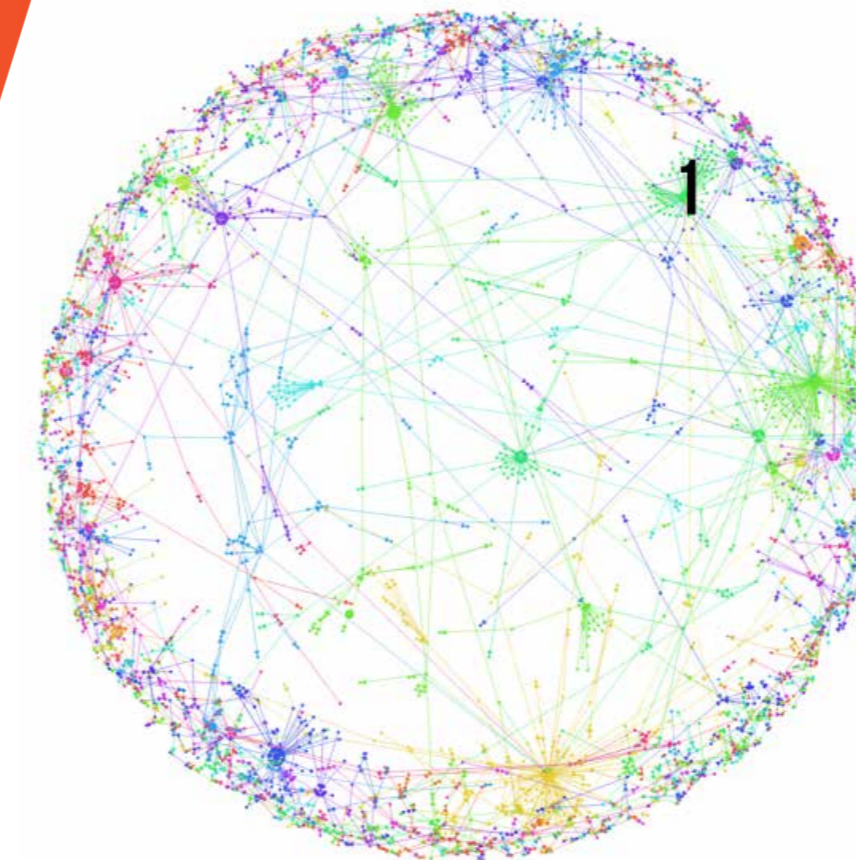
0%



Mais de 90% das menções são negativas, categorizando a idade, principalmente a velhice, como algo negativo, tendo pouco questionamento sobre a presença desta intolerância.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A intolerância geracional é difundida nas redes de maneira avulsa e pouco concentrada. A maioria das menções aparece em formato invisível e demonstra conexões frágeis e sem grande influenciadores ou relevância, como ilustra o exemplo ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (VERDE-ESCURO)



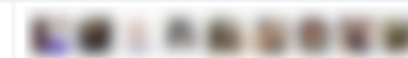
[Name]



Ainda teve mulheres que defenderam as atitudes desse velho nojento, como se fosse tudo normal, indignação
#AnaPaulaNaoMentiu

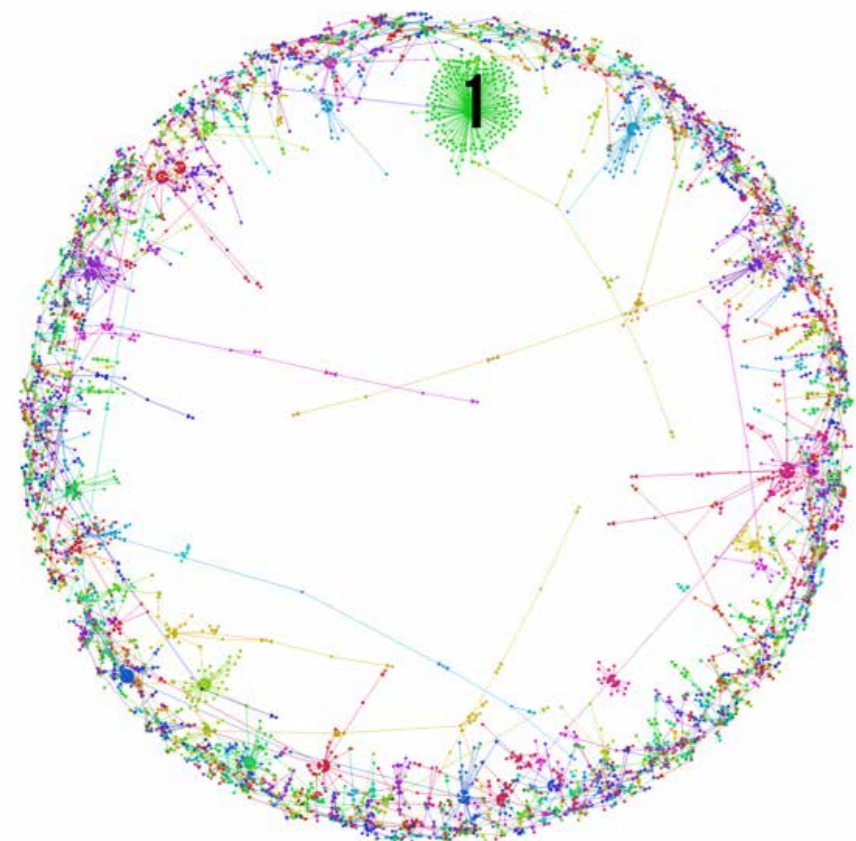
RETWEETS
111

CURTIDAS
78



GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



PONTO 1: (VERDE)

Adolescente entre 11-16 anos é um bicho tão chato que não tem faixa etária, tem faixa otária.

481 RETWEETS 444 CURTIDAS

Seguir

O segundo período não destoou do primeiro. O comportamento segue o mesmo com a intolerância geracional: pouca relevância e baixo engajamento, apresentando apenas uma concentração de menções (ponto 1).

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

IDADE/GERAÇÃO



NÃO EXISTE RACISMO NO BRASIL?

RACISMO

A velha história de que o Brasil é uma democracia racial não passa de um mito, daqueles muitas vezes vendidos como verdade, principalmente para a construção de uma imagem positiva do País lá fora. Apesar de sua composição multiétnica e multicultural, a sociedade brasileira não está, nem de longe, livre do racismo.

FOI A POPULARIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS (MAIS UMA VEZ) QUE AJUDOU A TRAZER ESSA DISCRIMINAÇÃO AINDA MAIS À TONA.



O racismo se explicita de maneira estridente por meio da exclusão social, que faz com que a maioria absoluta dos presos e mortos pela polícia seja negra. Por outro lado, muitas vezes ele aparece velado, disfarçado sob a ideia de que vivemos em um regime de igualdade racial.

Foi a popularização das redes sociais (mais uma vez) que ajudou a trazer essa discriminação ainda mais à tona. Casos notórios, como as ofensas contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, a atriz Taís Araújo e a cantora Ludmilla, entre outros, ajudaram a tornar o racismo à brasileira um pouco mais explícito.

DADOS COLETADOS NAS REDES SOCIAIS SOBRE RACISMO

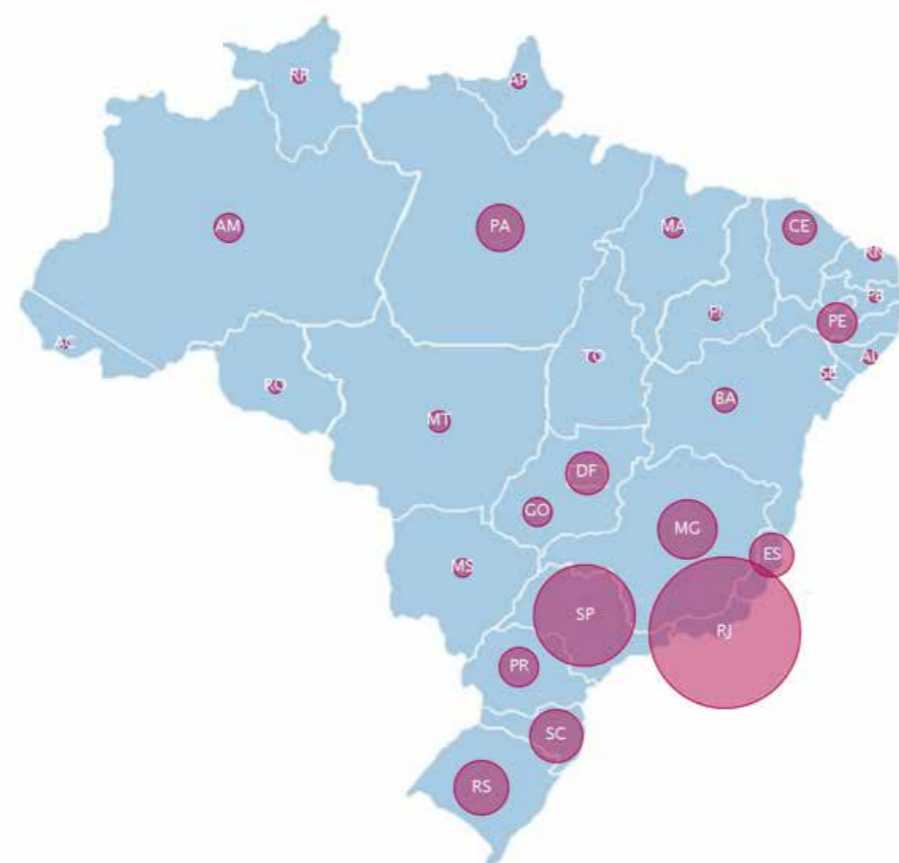
(ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016) MONITORAMENTO BY TORABIT

NÚMERO DE MENÇÕES CAPTADAS: 32.376

NUVEM DE TERMOS:



MAPA DE CALOR (BRASIL):



Localização das menções (Twitter e Instagram)

As proporções mostradas neste mapa de calor revelam a incidência de comentários intolerantes no cenário digital no Brasil. Mas também são afetadas pela densidade de pessoas com acesso à internet no País.

RACISMO

INTOLERÂNCIA

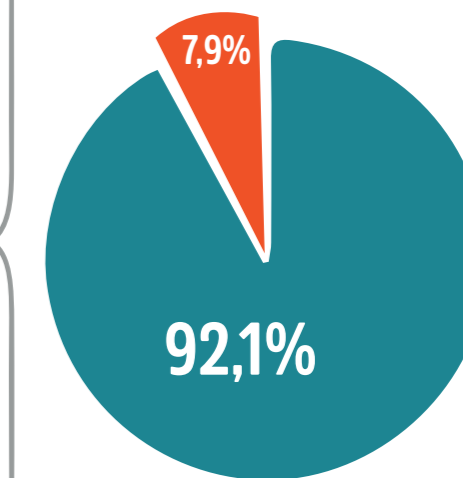
VISÍVEL

aquela que discrimina direta e explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.



INVISÍVEL

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.



● INVISÍVEL



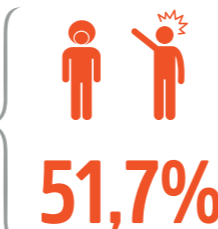
● VISÍVEL

A intolerância racial, como previsto, é esmagadoramente invisível, na qual as pessoas exprimem frases e comportamentos racistas de forma velada, sem a intenção de discriminar todo um grupo de pessoas, por mais que o façam: "que morena linda, da cor do pecado".

INTOLERÂNCIA

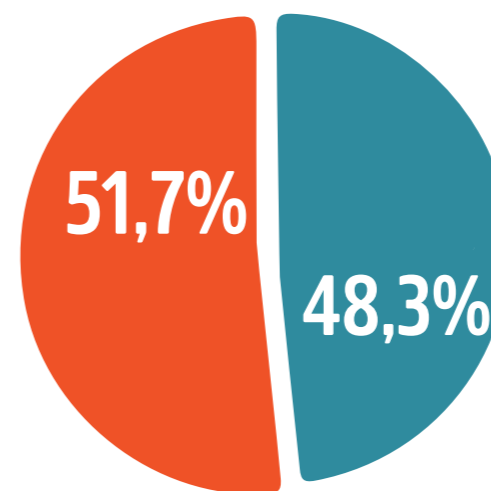
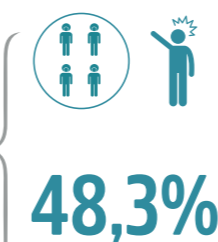
REAL

aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física.



ABSTRATA

aquela que não se refere a caso concreto, atingindo de maneira geral todo um grupo de pessoas.



● ABSTRATA



● REAL

Para as intolerâncias raciais, os comentários são bem divididos entre casos reais ou abstratos, indicando sua presença tanto em relações interpessoais quanto no ideário da população.

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



97,6%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



2,1%

NEUTRA

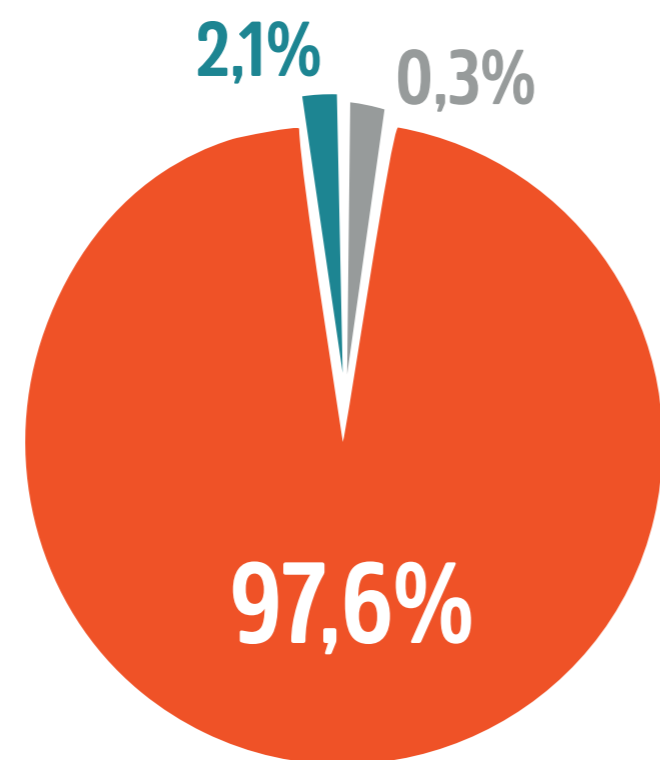
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



0,3%

NÃO CLASSIFICADA

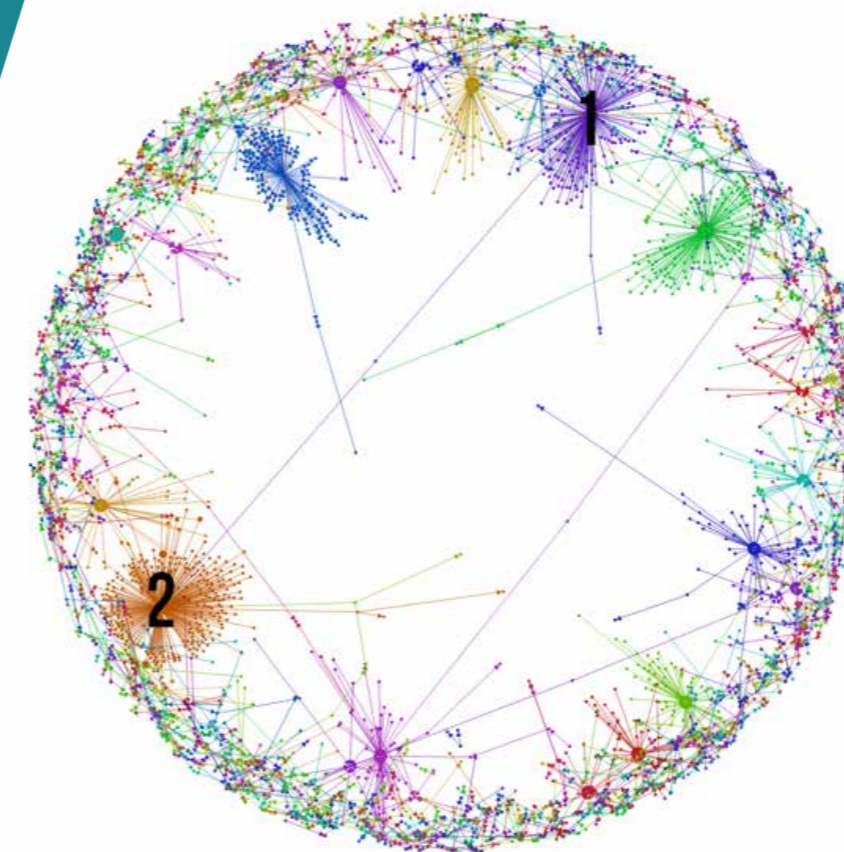
0%



No caso racial, 97,6% das menções são negativas e apenas 2,1% são positivas. Tal dado mostra como é difícil detectar e criticar positivamente intolerâncias que normalmente são expressas de forma velada e implícita.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



Não é novidade no Brasil que comentários racistas são em sua maioria velados e até muitas vezes inconscientes, presentes no vocabulário popular e enraizados na cultura. O cenário digital não é diferente. Majoritariamente foram registrados comentários com intolerâncias invisíveis, como demonstrados nos casos ao lado:

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (ROXO)



Perfil apagado



Seguir

"Meu bem, veja bem, eu não sou tuas nega."

RETWEETS

682

CURTIDAS

453



PONTO 2: (MARROM)



Boas Vibrações
@RainhaDasVibes



Seguir

Cabelo ruim é igual bandido. Se não tá preso, ta armado!

RETWEETS

1.103

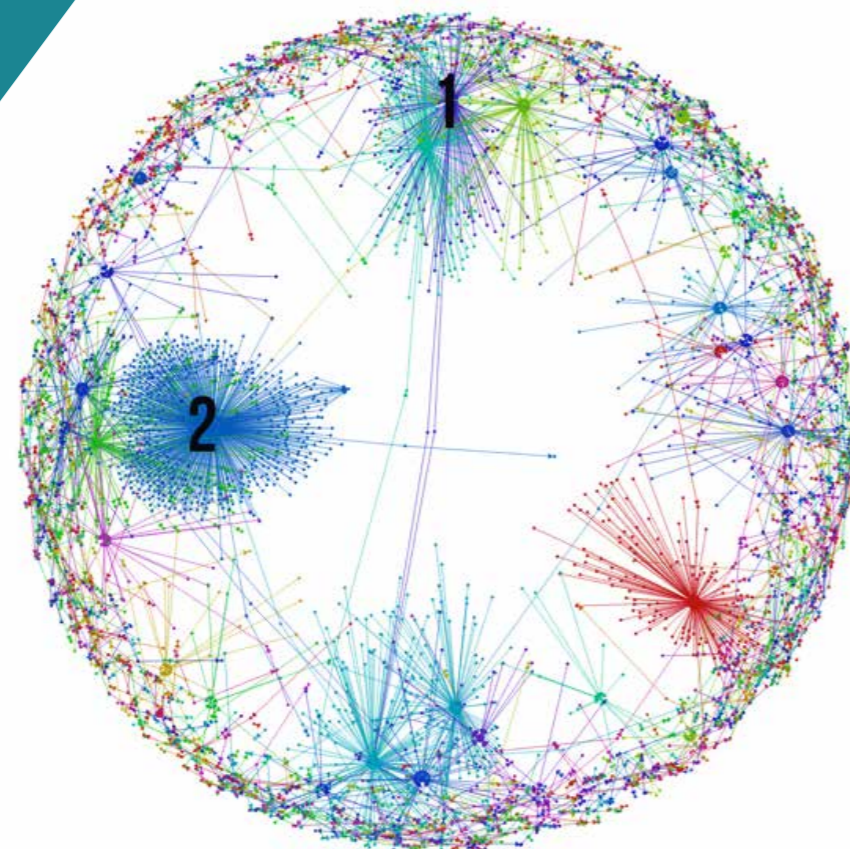
CURTIDAS

1.048



GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



Já no segundo período, registramos alguns comentários que tentavam desconstruir comentários intolerantes (ponto 2). No mais, foram comentários avulsos e sem grande relevância.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (AZUL-CLARO)

Mil negas cairão ao teu lado, 10 mil negas a tua direita, mas eu não, porque eu não sou tuas nega.

RETWEETS 365 CURTIDAS 335

PONTO 2: (AZUL-ESCURO)

repetindo: NÃO EXISTE CABELO RUIM! todos temos cabelos diferentes e ruim é a mente que só enxerga um tipo de beleza!

RETWEETS 882 CURTIDAS 1.282





PELO DIREITO DE ACREDITAR
(OU NÃO ACREDITAR)

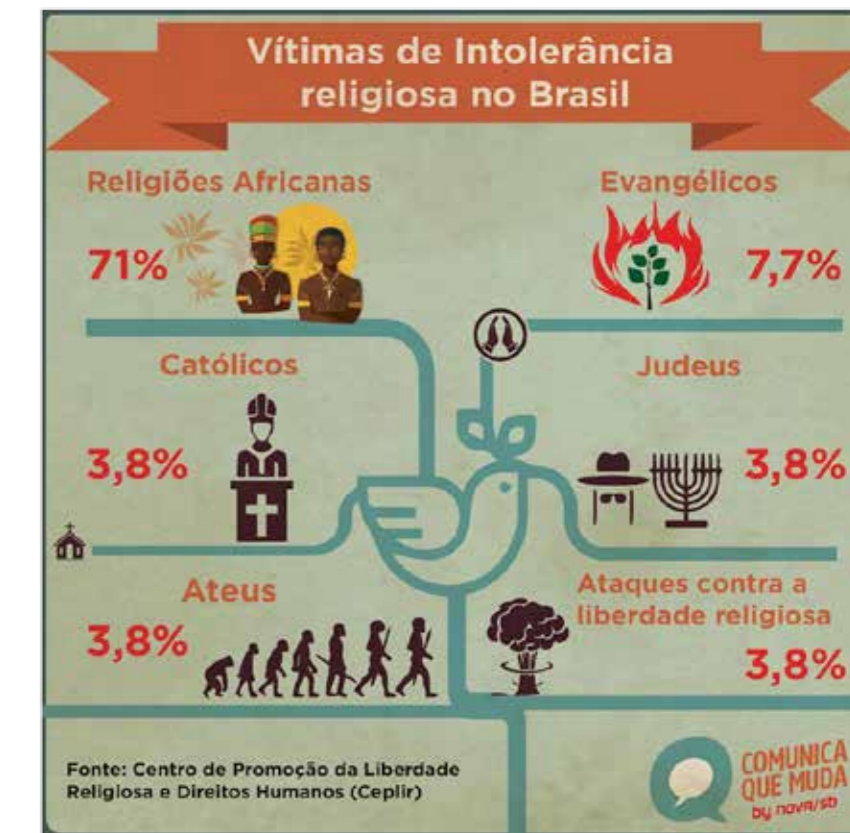
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

As pessoas acreditavam em muita coisa. Os egípcios ergueram grandes estátuas de deuses-cachorro, os vikings louvavam divindades com martelos gigantes, os gregos negociavam seus destinos com os deuses, e, bem, o que dizer do bom velhinho que entrega presentes no Natal? O fato é que não interessa se eles existem mesmo ou não. Seres humanos acreditam em coisas diferentes, e é isso que os torna tão especiais e interessantes. É nosso dever aprender a conviver e respeitar com pensamentos e crenças diferentes. Afinal, você também quer ter o direito de acreditar – ou não – no que bem entender, né?

No Brasil, quem acaba sofrendo mais com a intolerância religiosa são, principalmente, as religiões de matrizes africanas. Isso pode ser explicado pelo fato de que a maioria esmagadora da sociedade costuma seguir dogmas ocidentais – que fazem questão de demonizar diferentes culturas, especialmente as africanas. Mesmo fazendo parte da história do País, as religiões africanas carregam toneladas de preconceitos, reforçados por expressões que se tornaram naturais, do tipo “chuta, que é macumba”. É importante tomar cuidado com o que se fala. Às vezes, reafirmamos preconceitos sem perceber. Então, da próxima vez que o azar bater à sua porta, não é legal jogar a culpa no gato preto que cruzou seu caminho.



é uma crença do rabo quente



MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.



89%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.



3,6%

NEUTRA

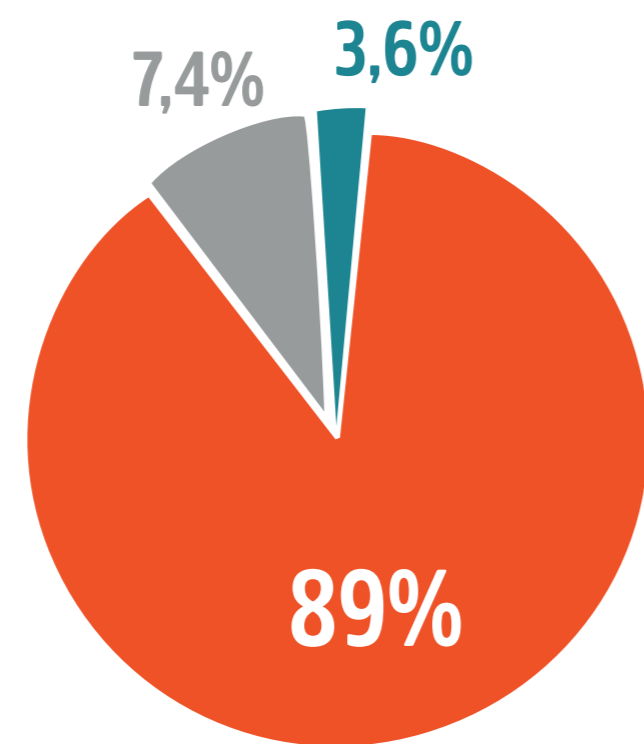
aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.



7,4%

NÃO CLASSIFICADA

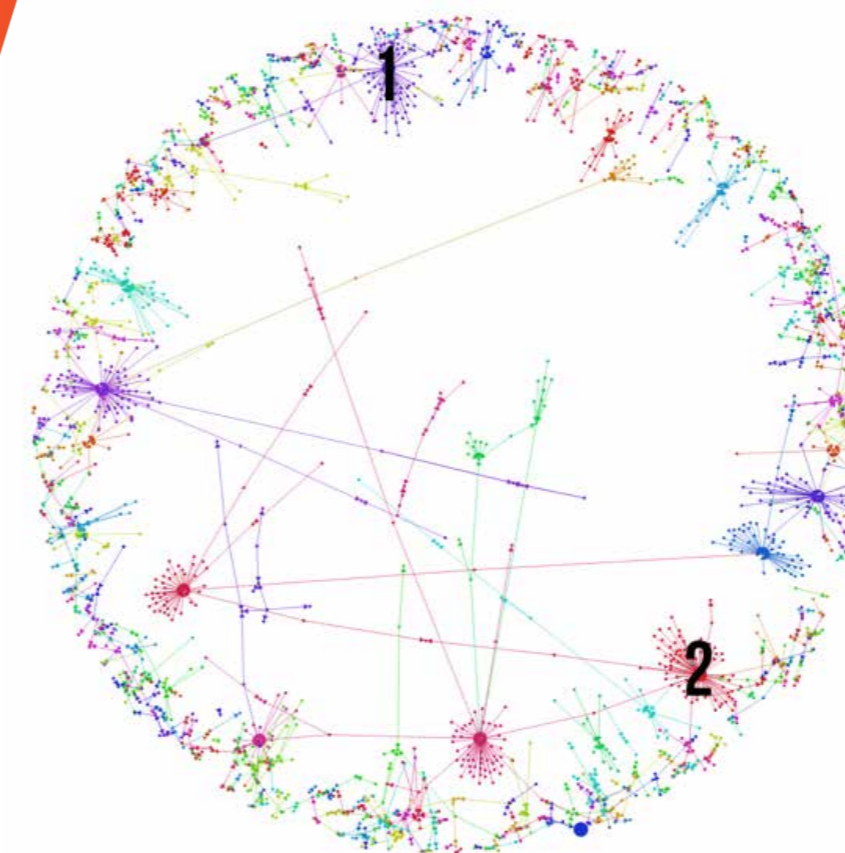
0%



A maior parte das menções é intolerante, mesmo que invisível e abstrata. É expressiva a quantidade de menções neutras, 7,4%, mostrando que muitas pessoas comentam sobre o assunto, mesmo não mostrando posicionamento.

GRAFOS DE CONEXÕES:

1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



A intolerância religiosa ainda não chegou forte no Brasil como é na Europa. Porém, registramos alguns focos importantes de disseminação intolerante sobre o tema, principalmente entre a religião evangélica e as religiões africanas.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (ROXO)



Aqui vai um recado para a BANCADA EVANGÉLICA:

cê num tinha nem que tá aqui, linda

RETWEETS 150 CURTIDAS 89

PONTO 2: (VERMELHO)

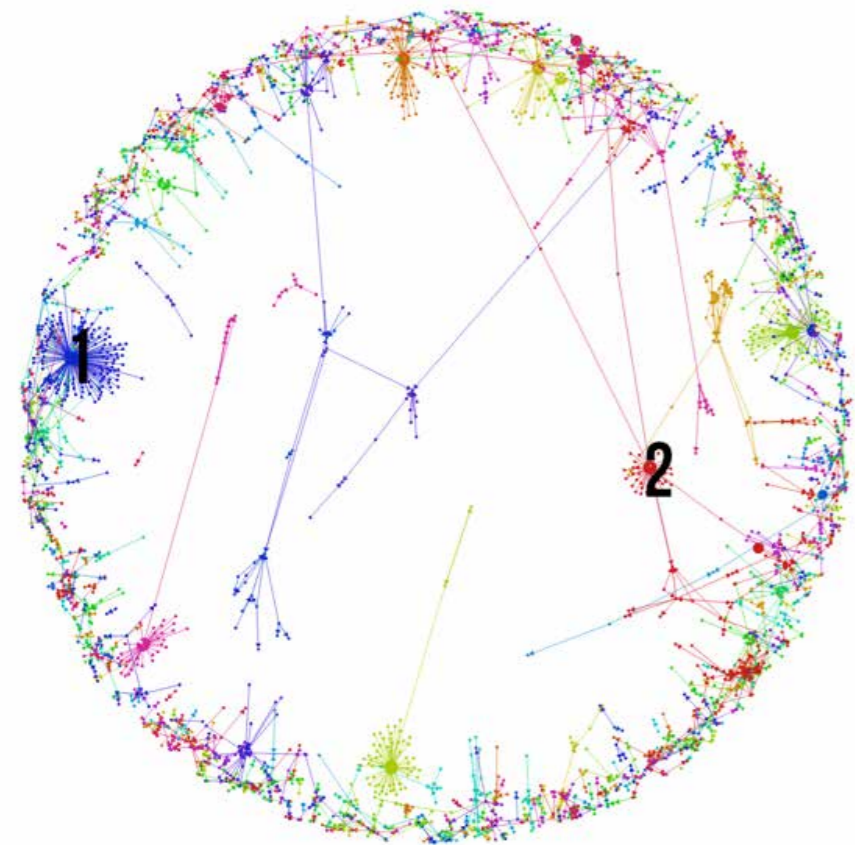


Ao invés dos babacas da bancada evangélica se preocuparem com a fome ou pessoas desabrigadas, eles se preocupam em atacar a população LGBT

RETWEETS 107 CURTIDAS 78

GRAFOS DE CONEXÕES:

2º PERÍODO: 23/5 A 22/6



No segundo período, confirmamos nosso primeiro mapa, afirmando o cenário avulso e aleatório dos comentários intolerantes com religiões e destacando a maior incidência de comentários contra a religião evangélica.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

PONTO 1: (AZUL)

Chuta que é macumba kkk OBMEP

0:08 km

RETWEETS 217 CURTIDAS 208

PONTO 2: (VERMELHO)

Padre é tudo pedófilo.
Capitalista é tudo opressor.
Judeu é tudo pão-duro.

O que? Muçulmano radical? Não generalize!

RETWEETS 75 CURTIDAS 70



MUITO ALÉM DAS FRONTEIRAS

XENOFOBIA

A crescente onda migratória dos últimos anos fez com que a xenofobia voltasse com força em todo o mundo, particularmente na Europa. Impulsionado pelo número cada vez maior de refugiados, que em grande parte fogem de conflitos armados e da miséria que assola países da África e do Oriente Médio, o discurso de ódio contra estrangeiros tem ganhado muitos adeptos.

Apesar de não estar exatamente no centro de toda essa questão, o Brasil não foge à regra, com um enorme crescimento no número de casos de xenofobia nos últimos anos. Dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça e Cidadania, mostraram um aumento de 633% nas denúncias de xenofobia no País apenas em 2015. As maiores vítimas foram haitianos, com 26,8%, e árabes, com 15,4%.

Como gritam os números, a chegada em massa de imigrantes haitianos foi o ponto de partida dessa explosão por aqui, mas eles não são as únicas vítimas. Pessoas de outros países também já relataram agressões, especialmente latino-americanos, africanos e árabes. Além disso, temos no Brasil uma espécie de xenofobia interna, com o discurso de ódio regional sempre presente, principalmente contra nordestinos.

TEMOS NO BRASIL UMA ESPÉCIE DE XENOFOBIA INTERNA, COM O DISCURSO DE ÓDIO REGIONAL SEMPRE PRESENTE, PRINCIPALMENTE CONTRA NORDESTINOS.



8 minutes ago near Santo Amaro

Hoje, qualquer suposto preconceito contra cariocas, nordestinos e baianos deixou de existir, por que virou Pós Conceito! Bando de fdp que destruíram nosso país e a economia por migalhas! Desejo do fundo do coração que sejam tomados pela desnutrição, que seus bebês nasçam acéfolos, que suas crianças tenham doenças que os médicos cubanos não consigam tratar, que o ebola chegue no Brasil pelo Nordeste e que mate a todos! Só outra arca de Noé pra dar jeito!



Like



Comment



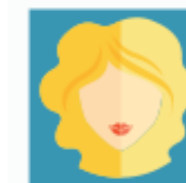
Esses malditos só veio para roubar o pouco de emprego que nós temos!

Há 4 horas · Curtir · Responder



Concordo plenamente, esses malditos Haitianos que estão vindo para o Brasil, deveríamos fazer eles voltar para suas terras nadando!

Há 4 horas · Curtir · Responder



8 minutes ago near Rio de Janeiro

esses nordestinos pardos, bugres, índios acham que tem moral, cambada de feios. Não é atoa que não gosto desse tipo de raça



Like



Comment

MENÇÕES

NEGATIVA

aquela que expõe intolerância, preconceito ou discriminação.

84,8%

POSITIVA

aquela que critica a intolerância, o preconceito ou a discriminação.

12,3%

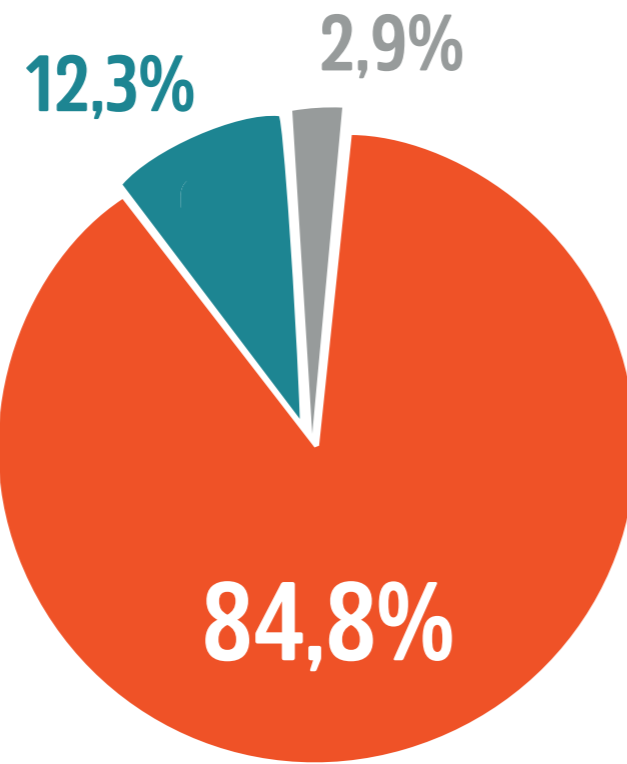
NEUTRA

aquela que não apoia nem é contra a algum tipo de discriminação, geralmente cita ou comenta sobre um caso de maneira imparcial.

2,9%

NÃO CLASSIFICADA

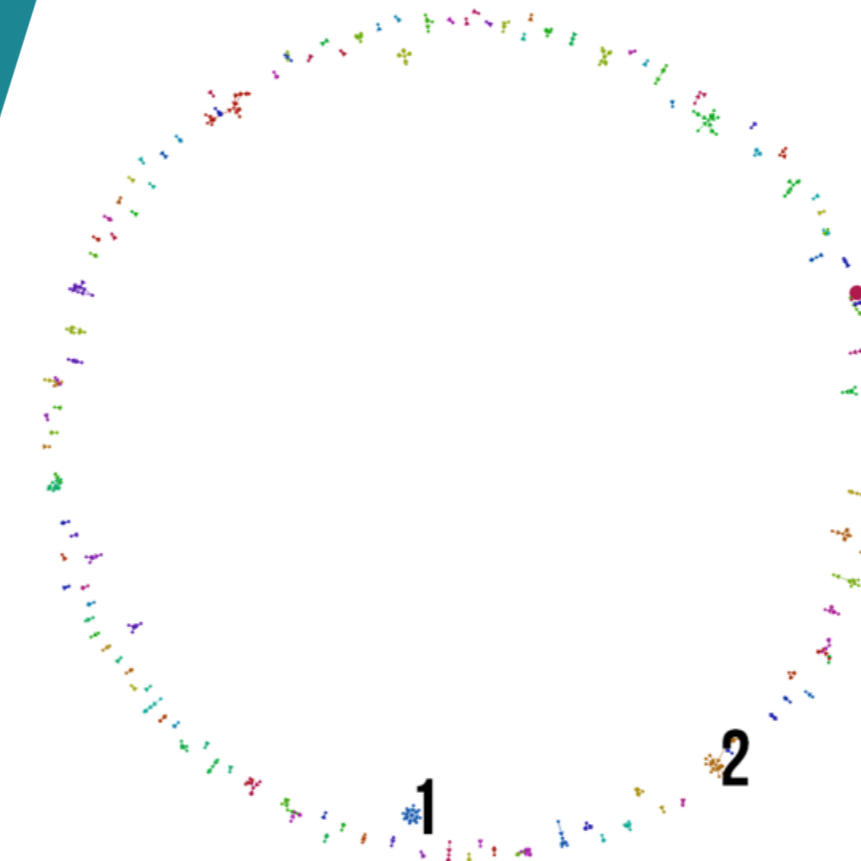
0%



Apesar de os comentários serem majoritariamente negativos, encontramos mais de 12% de comentários positivos, indicando que muitas pessoas problematizam esse tipo de intolerância nas redes.

GRAFOS DE CONEXÕES:

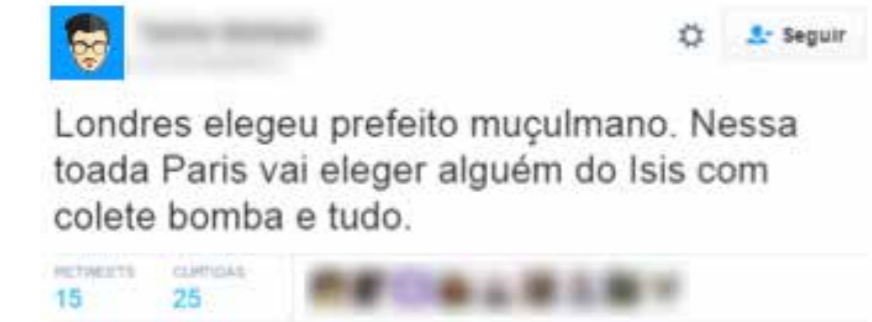
1º PERÍODO: 22/4 A 22/5



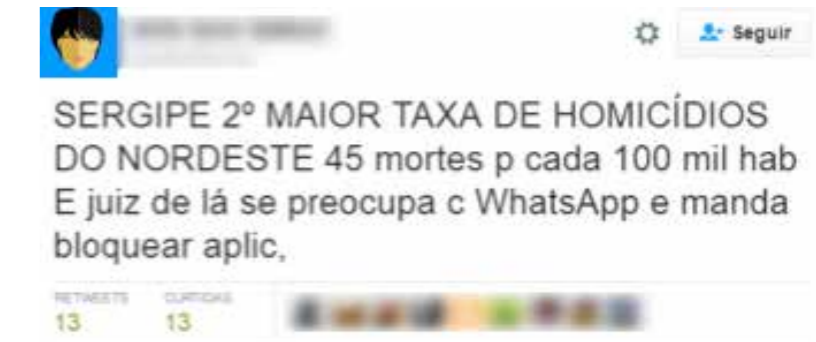
O cenário xenofóbico digital no Brasil não tem tanta relevância como no exterior, e é mais incidente em regiões específicas, como o Nordeste. Por isso o grafo da intolerância é totalmente disperso e sem grandes concentrações.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.

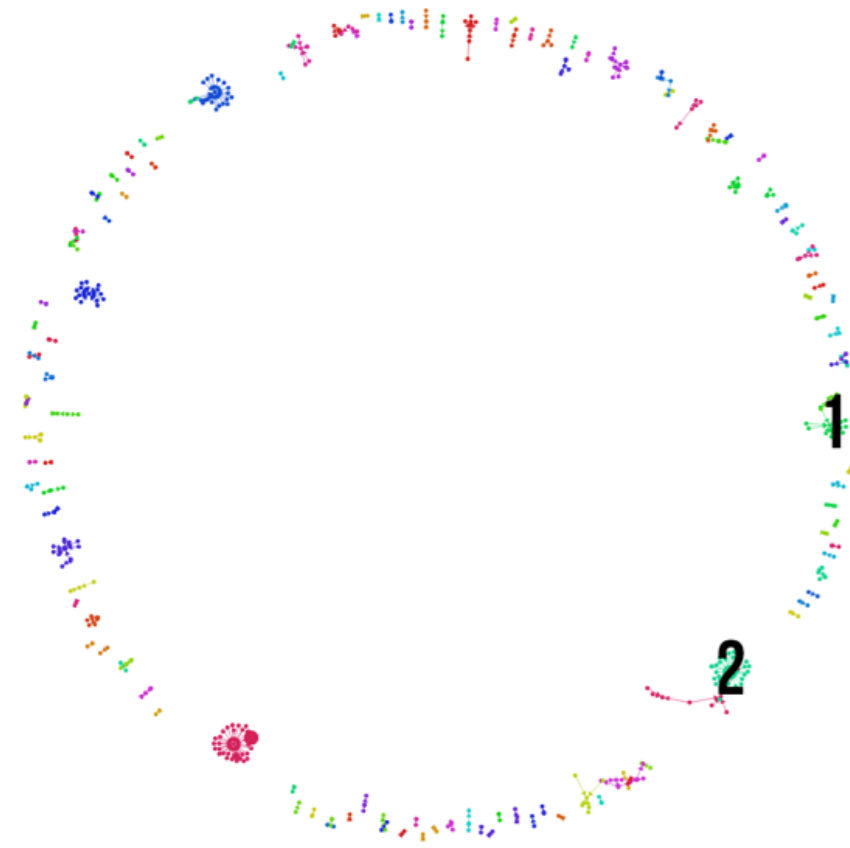
PONTO 1: (AZUL)




PONTO 2: (MARRON)



GRAFOS DE CONEXÕES: 2º PERÍODO: 23/5 A 22/6




PONTO 1: (VERDE)


Seguir

Tem uns camarada meu que tão nó nivel Hard da baianice...

PONTO 2: (AZUL-CLARO)


Seguir

a pessoa sai da rede social ao lado pra entra no twitter e fica falando mal de gay meu deus volta pra sua terra nao estraga nosso paraíso

RETAGIETS: 45
 CURTIDAS: 25

O segundo período reforça a ideia de que os comentários xenofóbicos são raros e avulsos. As pequenas concentrações são, na maioria das vezes, desconstruindo comentários preconceituosos.

Os pontos de conexões não analisados tiveram suas menções de origem apagadas pelas redes sociais, devido ao seu teor ofensivo antes da nossa captura.



INTOLERÂNCIA NA SUA *TIMELINE*: VAI DEIXAR BARATO?

Já passou o tempo em que a internet era terra de ninguém. Mesmo com a escalada da intolerância nas redes, hoje existem alguns serviços importantes para denunciar os intolerantes digitais. Não pode ter moleza para a intolerância na *web*, e isso está nas nossas mãos. Seja no Facebook, no Twitter ou nos comentários de algum portal de notícias, se algo soar ofensivo, você pode e deve denunciar.

Para denúncias via e-mail:

webpol@policia-civ.sp.gov.br – Polícia paulista especializada em crimes digitais.

mail-abuse@cert.br – Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (CERT) – Para enviar denúncias de mensagens ofensivas (deve-se enviar uma cópia do e-mail original, e você deve informar a instituição que está sendo utilizada no golpe).

phishing@cais.rnp.br – Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança (CAIS) da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) – Para encaminhamento de denúncias (deve-se enviar uma cópia do e-mail original, e você deve avisar a empresa de que o seu nome está sendo usado na execução de um golpe virtual).

artefatos@cais.rnp.br – Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança (CAIS) da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) – Para enviar denúncias de aplicativos suspeitos (cavalos de troia e outros programas maléficos usados nos golpes *on-line*).

crime.internet@dpf.gov.br – Denúncias de crimes na internet podem ser feitas ao novo canal da Divisão de Comunicação Social da Polícia Federal.

Para denúncias via sites:

www.humanizaredes.gov.br – Denuncie mensagens preconceituosas, racistas, xenofóbicas e que violem os Direitos Humanos.

www.safernet.org.br/site – Organização não governamental que reúne especialistas para combater crimes digitais. Denuncie crimes como pornografia infantil, racismo, xenofobia, intolerância religiosa, neonazismo, apologia e incitação a crimes contra a vida, homofobia, apologia e incitação a práticas cruéis contra animais e tráfico de pessoas.

www.ic3.gov/default.aspx – Site para denunciar crimes digitais internacionais.

Para denúncias por telefone:

Você também pode contar com o serviço do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, é só discar 100.

CONVIVER, ACEITAR

A ideia de debruçar-se sobre a intolerância como fenômeno crescente na sociedade brasileira e entender suas origens, causas e facetas surgiu após nos depararmos com casos que, dia após dia, reforçavam nossa crença de que a comunicação pode ser um agente transformador na vida das pessoas.

Manifestações de xenofobia, homofobia, racismo, misoginia, intolerância geracional, política, de aparência, classe social e deficiência são, antes de tudo, dificuldades de diálogo. Diálogo no sentido de troca de ideias que tenha por finalidade alguma forma de resolução, solução, encontro dos diferentes em favor de algo comum. A diversidade é fundamental e deve ser preservada, mas não há sentido em relacionar-se com outras pessoas se não houver interesse e finalidade comuns nessa troca.

A comunicação e o diálogo, que a cada dia recebem novos significados e nuances em tempos digitais, têm a ver com a empatia, com a aceitação, com a capacidade de imaginar-se no papel do outro. Afinal, não é isso o que mais queremos quando estamos diante do outro? Sermos compreendidos? É essencial entender que esse processo é uma mão dupla: aceitar para ser aceito, compreender para ser compreendido.

Nesse esforço diário, a tolerância é só o começo. Apenas suportar a presença e as escolhas dos outros parece muito pouco para uma sociedade que deseja evoluir. Aceitação e convivência são o objetivo final. Desejamos que esse esforço seja mais um passo nessa jornada.

Nesse sentido, apesar de termos usado e abusado do termo “intolerância”, cujo contrário é a “tolerância”, nós também queremos, com o devido respeito, ser intolerantes com a tolerância. Porque essa expressão remete à indulgência e à condescendência. Não é isso que se quer, nenhuma condescendência. Enfim, por que daqui pra frente não passamos a usar o termo “aceitação” no lugar de “tolerância”?

ComunicaQueMuda by nova/sb

APÊNDICE - METODOLOGIA DA PESQUISA

Ambiente de análise: foram analisadas as redes Facebook, Twitter e Instagram, além de páginas de *blogs* e comentários de *sites* da internet.

Métricas selecionadas: número de menções, mapa de calor da intolerância, nuvens dos termos mais citados em cada universo de busca.

Taxonomia e categorização: intolerâncias visíveis vs. invisíveis; intolerâncias reais vs. abstratas; menções intolerantes (negativas) vs. reações a intolerâncias (positivas).

Dados: primários e secundários.

Monitoramento realizado com o método de amostragem aleatória simples.

Período analisado: abril a junho de 2016.

O monitoramento foi feito via plataforma Torabit.

CAMPANHAS SOBRE INTOLERÂNCIA DA NOVA/SB

Empatia e tolerância não são coisas fáceis. Colocar-se no lugar do outro para descobrir como melhor retratar as pessoas é o que a nova/sb faz. Seja qual for o tema ou o cliente. Mesmo quando não abordamos diretamente a intolerância. Todas as peças seguem um rígido controle de qualidade com relação a estereótipos em textos e imagens. Mas a gente vai bem além disso para mostrar pessoas como pessoas, com muita sensibilidade.

Homofobia

Foi assim que fizemos a primeira campanha contra a homofobia de um governo de Estado na América Latina, em 2011. Além do filme (com versão também em inglês para divulgação no exterior), foram feitas peças para internet, *spot* de rádio e mídia impressa, com cartazes e outdoors com modelos LGBTs. Toda a estratégia criativa foi discutida com organizações LGBTs.



UM LUGAR TÃO MARAVILHOSO COMO O RIO NÃO COMBINA COM HOMOFOBIA. RESPEITE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS.

RIO SEM HOMOFOBIA É UMA INICIATIVA DO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, MAS PODE SER A SUA TAMBÉM. Como qualquer forma de preconceito, a homofobia deve ser combatida em todos os lugares e, por isso, o Governo do Rio está lançando o Rio sem Homofobia. Uma iniciativa inédita que vai contar com vários setores do governo e promover a cidadania e a conscientização da sociedade. Afinal, respeitar a diversidade é um dever de todos. Faça parte do Rio sem Homofobia. A População LGBT merece seu respeito.

DISQUE CIDADANIA LGBT 0800 0234567 www.homofobia.lgbt.br

RIO SEM HOMOFOBIA

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

SUPERINTENDÊNCIA DE ORÇAMENTOS, PROJETOS E AVALIAÇÃO

Racismo

Para o Dia da Consciência Negra (20/11), o poema Encontrei Minhas Origens, do poeta e pesquisador Oliveira Silveira, que conta a história dos negros no país e a sua trajetória rumo ao encontro de uma vida brasileira e a uma identidade nacional.



Mais da metade dos homicídios no Brasil (53%) atinge pessoas jovens, a maioria deles (75%) negros, de baixa escolaridade, na faixa etária de 15 a 29 anos. O filme, criado em 2013 para o Governo Federal, toca neste ponto.



Inclusão

Por que o abraço é mais gostoso de olhos fechados? Ou por que fechamos os olhos na hora do beijo? Mostrar a sensibilidade de todos os sentidos além do que cada um de nós enxerga foi o desafio da campanha que fizemos para os 50 anos da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

A foto deste anúncio tem o calor suave do pôr do sol. O cheiro do mar. O barulho das ondas. A sensação do vento balançando os cabelos. Consegue ver?

O mundo vai além do que você enxerga. Feche seus olhos. Abra seus horizontes.

0800 779111 | www.fundacaodorina.org.br

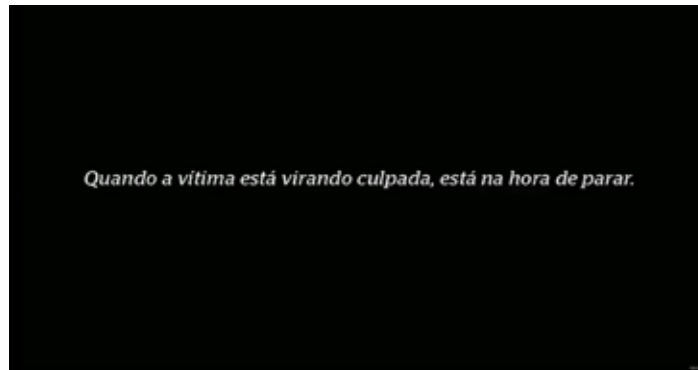


A violência contra a mulher, aliás, foi tema de várias de nossas campanhas:



Mulher

Campanha da nova/sb, produzida em 2014, traz um recado muito claro: a vítima nunca é culpada.



A mulher foi também protagonista na luta pelos próprios direitos nesta campanha para o Governo Federal.



CRÉDITOS

Coordenação-geral: Bia Pereira, Caio Túlio Costa, Fernando Cespedes e Stephanie Jorge

Supervisão: Ana Cristina Gonçalves e Karla Mendes

Direção de criação: Hermes Zambini e Marcelo Maia

Direção de arte: Fabricio Curi, Henrique Castro e Bruna Paniago

Redatores: Caio Túlio Costa, Fernando Cespedes, Ketlyn Araújo, Lucas Quinelato, Marcelo Nascimento, Rodrigo Camargo, Stephanie Jorge e Vitor Medalla

Planejamento: Bia Pereira, Caio Túlio Costa, Fernando Cespedes, Rodrigo Camargo e Stephanie Jorge

Atendimento: Joana Araújo

Monitoramento: Lucas Quinelato, Rodrigo Camargo e Vitor Medalla

Análise: Caio Túlio Costa, Lucas Quinelato, Rodrigo Camargo, Stephanie Jorge e Vitor Medalla

Arte-final: Ricardo Reis

Produção digital: João Paulo Oliveira

Produção gráfica: Paulo Gonçalves e André Silva

Revisão de texto: Ricardo Milesi

Realização: nova/sb



**COMUNICA
QUE MUDA**
by **NOVA/SB**

/SP

AV. DAS NAÇÕES UNIDAS, 8.501 • 16º ANDAR
05425-070 • ELDORADO BUSINESS TOWER

/DF

SCN QUADRA 2 • BLOCO A • 30º ANDAR
70712-900 • EDIFÍCIO FINANCIAL CENTER

/RJ

RUA LAURO MULLER, 116 • 40º ANDAR
22290-160 • EDIFÍCIO TORRE DO RIO SUL

/MT

AV. ANDRÉ ANTÔNIO MAGGI, 487
78049-080 • LOT. PARQUE ELDORADO

novasb.com.br